



ALMANAQUE DE PETRÓPOLIS



Os imigrantes e a formação de Petrópolis







ALMANAQUE DE PETRÓPOLIS

Os imigrantes e a formação de Petrópolis

Regina Helena de Castro Resende

Carolina Moreira da Silva Knibel

"Os dois distritos de que a freguesia se compõe contam de população fixa para cima de seis mil almas, entre as quais dois mil alemães católicos, e oitocentos protestantes. De outras nacionalidades estrangeiras apenas há sessenta franceses, quarenta italianos; o resto consta em grande parte de naturais de Portugal, sendo os brasileiros natos pouco numerosos, salvo no segundo distrito, onde muitas famílias dos conhecidos, sob a denominação de moradores, estão estabelecidas."

Carlos Taunay. *Viagem pitoresca a Petrópolis*. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1862, p.53.

A precisão com que Carlos Taunay quantifica os estrangeiros moradores de Petrópolis, compreendendo os dois distritos que a formavam no ano de 1861, a cidade e a Vila de São José do Rio Preto, aponta para uma peculiaridade da gênese e do desenvolvimento da cidade. Uma localidade formada pela contribuição de indivíduos de várias nacionalidades, prisioneiros de histórias de vida tão variadas quanto diversas. Grupos sociais portadores de culturas díspares que se amalgamaram em um espaço muito distante da sua origem, fazendo deste local um caleidoscópio de sonhos no Novo Mundo.

A busca por um lugar melhor, longe das agruras da fome, da guerra, da intolerância, das epidemias ou da ausência da liberdade, tem sido o principal motor do deslocamento de povos há séculos. Nos dias de hoje, infelizmente observamos situações análogas, nas quais pessoas empurradas para o êxodo não encontram a devida acolhida por parte de países, grupos e pessoas. Daí a atualidade do tema proposto por Carolina Moreira da Silva Knibel e Regina Helena de Castro Resende, educadoras do Museu Imperial.

O Almanaque de Petrópolis, ferramenta pedagógica que o Setor de Educação do Museu Imperial consolidou na sua estratégia de promoção da aproximação dos alunos e professores do ensino fundamental das escolas de Petrópolis com a sua memória coletiva, alcança uma dimensão ainda maior com a preparação e edição deste sexto volume, uma vez que provoca uma reflexão sobre as contribuições de grupos de diversas nacionalidades que ajudaram a formar a cidade. E, nesse sentido, alunos e professores são convidados a identificar os elementos de sua própria identidade nesse processo de construção coletiva que é o desenvolvimento de uma pólis. E, assim, quem sabe, possam compreender o sentido da paz, da tolerância e da fraternidade.

Maurício Vicente Ferreira Júnior
Diretor do Museu Imperial

Presidente da República
Ministro de Estado da Cultura
Presidente do Ibram
Diretor do Museu Imperial
Coordenador Técnico
Coordenadora Administrativa

Michel Temer
Sérgio Sá Leitão
Marcelo Mattos Araújo
Maurício Vicente Ferreira Júnior
Fernando Ferreira Barbosa
Isabela Neves de Souza Carreiro

© 2018. Museu Imperial | Ibram | MinC

Almanaque de Petrópolis: os imigrantes e a formação de Petrópolis. – n. 6 (mai.2018). – Petrópolis: Museu Imperial, 2018.

ISSN 1984-3984

1. Imigração – História – Petrópolis (RJ). I. Título

CDD – 796.0981532

O conhecimento da história de toda e qualquer cidade por aqueles que ali nasceram e residem, especialmente das origens de sua gente, cria laços de pertencimento e fortalece os vínculos afetivos em torno de seu patrimônio cultural, induzindo a preservação das memórias que a tornam única e especial.

Nesse contexto, a história da formação de Petrópolis nos revela um leque de etnias admirável, composto por imigrantes que para cá vieram, desde os primeiros tempos de sua narrativa histórico-temporal, e que forjaram o seu desenvolvimento, sob múltiplos aspectos, e a sua identidade cultural.

O sexto volume do *Almanaque de Petrópolis* busca conhecer e compreender quem são esses imigrantes e de que forma participaram da formação e crescimento de nossa cidade. Mais uma vez, esse periódico foi idealizado para acompanhar a dinâmica adotada para a realização do "Projeto Petrópolis", atividade educativa elaborada anualmente pelo setor de Educação do Museu Imperial e destinada aos alunos e professores do ensino fundamental das escolas de Petrópolis.

Seguindo o formato dos volumes anteriores, o texto deste almanaque vem acrescido de imagens do acervo museológico, arquivístico e bibliográfico do Museu Imperial e de particulares descendentes de imigrantes, utilizadas como testemunho precioso dos acontecimentos narrados. A publicação traz, ainda, como forma de ampliar o conhecimento e a reflexão sobre os fatos abordados, curiosidades, dicas, passatempos e um calendário com datas alusivas à temática apresentada.

Confiantes no bom aproveitamento do *Almanaque de Petrópolis* como instrumento de conhecimento e valorização da identidade cultural do público escolar de Petrópolis, a equipe do setor de Educação do Museu Imperial espera colaborar com as instituições de ensino no trabalho de levar o seu público a melhor compreender a história de sua cidade e a reforçar seu sentimento de pertencimento.

Regina Helena de Castro Resende
Chefe do setor de Educação do Museu Imperial

Setor de Educação

Pesquisa e criação

Criação, pesquisa e coordenação

Pesquisa

Programação Visual

Revisão

Colaboração

Agradecimentos

Carolina Moreira da Silva Knibel

Regina Helena de Castro Resende

Renata Medeiros de Oliveira (estagiária)

Thaís Ferreira Bianchine (estagiária)

George Milek

Flávio Soares de Mello e Silva

Equipe Museu Imperial

Paulo Roberto Martins de Oliveira

Renata Pertot de Oliveira

O dia 29 de junho é muito especial para Petrópolis!

A cidade comemora nesta data o Dia da Colonização com muitas atividades festivas, principalmente a Bauernfest – Festa do Colono Alemão. É uma ocasião em que os petropolitanos relembram suas origens, sobretudo a herança cultural deixada pelos colonos germânicos que aqui chegaram no século XIX e que muito contribuíram para a formação de nossa cidade.



Bauernfest – Festa do Colono Alemão de Petrópolis.

Além dos germânicos, outros povos participaram da povoação e do desenvolvimento cultural e econômico de Petrópolis. Portugueses, italianos, franceses, ingleses, libaneses... imigrantes que deixaram suas terras em busca de melhores condições de vida e que, aqui chegando, se tornaram parte da história de Petrópolis.

Sugestão

E você, é descendente de algum imigrante? Converse com seus pais e avós sobre seus antepassados e descubra de que país eles vieram. O seu sobrenome pode ser uma pista!



Bem no início, há muitos e muitos anos atrás, a região onde hoje se encontra Petrópolis era conhecida como "Sertão dos Índios Coroados". Isso por que antigos índios Goitacazes, perseguidos pelos portugueses, foram encontrar refúgio nessas terras. Suas povoações localizavam-se às margens dos rios e suas habitações eram

construídas com madeira e folhas de bambu. Então, podemos dizer que os índios Coroados foram os primeiros habitantes de nossas terras.

Curiosidade

Os índios Coroados possuíam baixa estatura, cabeça grande e achatada e eram assim chamados por causa do corte de seus cabelos, que parecia uma espécie de coroa enrolada no alto da cabeça.



Aldeia dos índios Coroados. Detalhe da litografia de Josef Paringer a partir de desenho de Karl F. Philip von Martius. *Atlas zur Reise in Brasilien*, impresso em Munique, Alemanha. Cerca de 1823. Acervo Museu Imperial.

Na década de 1720, foi construído um caminho que passava por essas terras, localizadas na Serra da Estrela, para ser utilizado por quem viajava do Rio de Janeiro até Minas Gerais. Chamada de Variante do Caminho Novo, a obra foi conduzida pelo militar Bernardo Soares de Proença, que conseguiu encurtar a viagem entre essas duas capitanias (atuais estados).

Este caminho foi muito importante para o desenvolvimento de nossa região serrana! A partir dele, nossas terras começaram a ser povoadas por outras pessoas além dos índios. Em 1686, foram concedidas algumas das primeiras quadras de terra (sesmarias) da região a pessoas que se destacavam na política e na segurança da Colônia. Já em 1721, os sargentos Bernardo Soares de Proença e Luiz Peixoto da Silva tornaram-se proprietários de terras na localidade da futura Petrópolis. As terras de Bernardo Soares de Proença se estendem do atual bairro do Alto da Serra até o Itamarati.



Variante do Caminho Novo, aberto por Bernardo Soares de Proença. Cópia impressa de um esboço elaborado por Thomas Ender. Cerca de 1836. Acervo Museu Imperial.

Na verdade, os reis de Portugal daquela época doavam sesmarias ao longo do Caminho Novo para incentivar a povoação da região serrana. Com isso, as terras poderiam ser cultivadas, como também trariam acolhida e alimentação para funcionários, tropeiros e animais de carga em passagem pela região, além de facilitar a conservação do caminho e a construção e conservação de pontes sobre os rios.

Com o passar do tempo, essas sesmarias foram se dividindo em fazendas. Assim, a sesmaria do Itamarati, por exemplo, deu origem a duas importantes fazendas: a Fazenda do Itamarati e a Fazenda do Córrego Seco. Já a sesmaria do Rio Morto deu origem à Fazenda do Padre Correia.



CORREGO SECO.

Aspecto da Fazenda do Córrego Seco. Reprodução de uma litografia de Xav. Nachtmann, de um esboço de Karl. F. Philip von Martius. 1817. Acervo Museu Imperial.

A Fazenda do Córrego Seco teve um destino importante para todos os petropolitanos: em 1830, d. Pedro I comprou a fazenda, encantado que era com o clima e beleza das terras dessa região. Passou a chamá-la Fazenda da Condição e sonhou construir ali um palácio de verão. Porém, no ano seguinte, o imperador abdicou ao trono brasileiro em favor de seu filho d. Pedro de Alcântara – futuro d. Pedro II –, a quem a fazenda, anos mais tarde, passou a pertencer.

Também encantado com a região da Serra da Estrela, d. Pedro II concordou com o plano de povoamento de sua fazenda, elaborado pelo mordomo da Casa Imperial, Paulo Barbosa da Silva. Esse plano previa a construção de um palácio de verão para a família imperial, de uma igreja, de um cemitério para a futura povoação e, ainda, a concessão



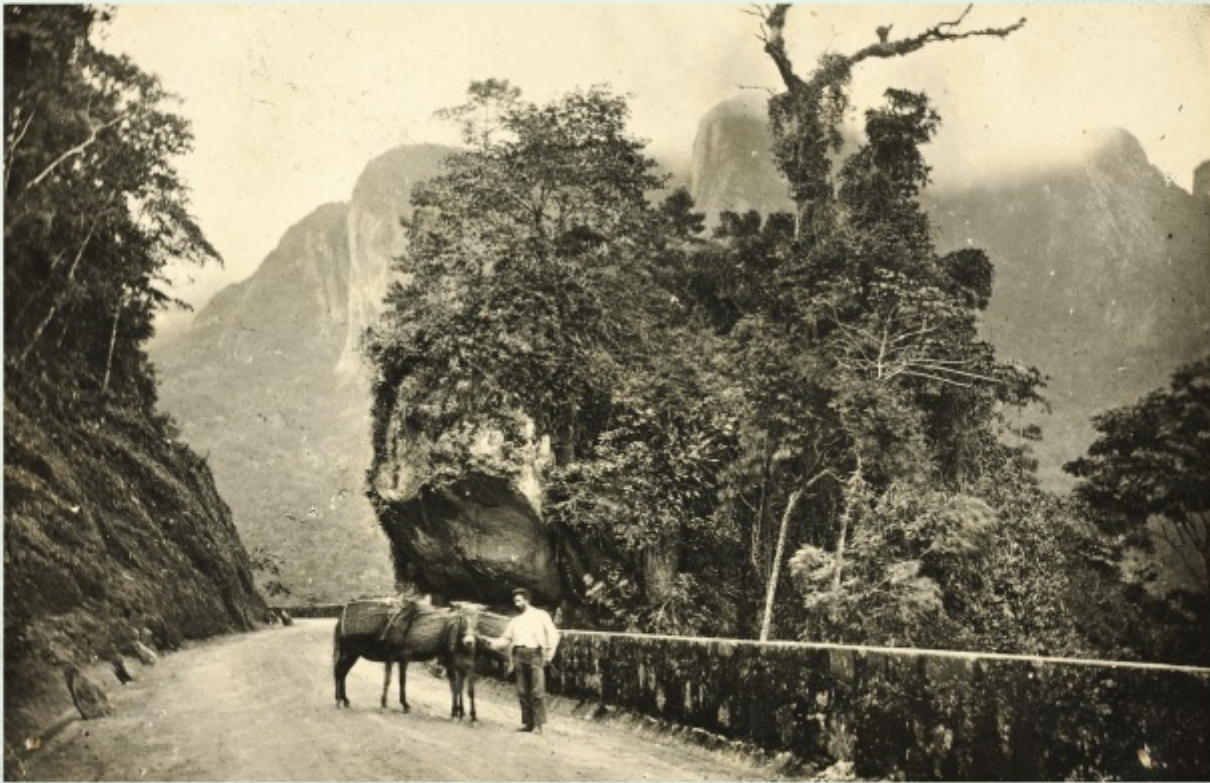
*Don Pedro Primeiro
Imperador do Brasil*



*Imperador Constitucional
do Brasil*

Retrato de d. Pedro I. Litografia de Edward Smith executada a partir de óleo sobre tela de Simplicio Rodrigues de Sá. 1827. Acervo Museu Imperial.

de terras da Fazenda Imperial a pessoas interessadas em morar ali.



Trecho da Estrada Normal da Serra da Estrela. Fotografia de Kopke Jr. 1875. Acervo Museu Imperial.

Desse plano surgiu, então, o Decreto Imperial nº 115, assinado por d. Pedro II no dia 16 de março de 1843, que fundou Petrópolis. Através desse decreto, coube ao major de engenheiros Júlio Frederico Koeler a Superintendência da Imperial Fazenda. Ele arrendou essas terras com a obrigação de cuidar do planejamento e execução do projeto, ficando encarregado de traçar a planta do palácio e da povoação.

Entenda

Ao ser fundada, a povoação de Petrópolis pertencia à freguesia de São José do Rio Preto, que fazia parte da Vila de Paraíba do Sul. Em 1º de agosto de 1845, Petrópolis foi elevada a Curato e, em 1846, quando foi criada a Vila da Estrela, Petrópolis lhe foi anexada, na categoria de freguesia.



Tropa, 1828. Acervo Coleção Geyer - Museu Imperial.

Koeler tinha em mente a criação de uma colônia agrícola para povoar Petrópolis. Essa ideia provavelmente surgiu em 1837, quando o major supervisionou as obras de melhoria do Caminho Novo entre o Porto da Estrela e a Vila de Paraíba do Sul, passando pelo Córrego Seco. Para essa obra, foram contratadas famílias de imigrantes germânicos que estavam a caminho da Austrália, mas que, por causa de desentendimentos a bordo do navio Justine, no qual estavam viajando, acabaram por ficar no Brasil. Os imigrantes se saíram muito bem nos trabalhos e, ao término das obras, em 1839, alguns deles passaram a morar na Fazenda do Itamarati, criando-se o primeiro núcleo de famílias germânicas na região. Os jornais da época mencionam que, das 147 pessoas que formavam esse grupo de imigrantes, havia sobrenomes como Jung, Gross, Sattler e Mueller, e que, em 1840, já tinham uma escola para seus filhos e um pastor protestante para prestar assistência religiosa.

Saiba mais...

A Alemanha só se tornou a Alemanha, como a conhecemos hoje, em 1871, quando o diplomata e político Otto Bismarck conseguiu reunir sob a mesma coroa, a de Guilherme I da Prússia, os muitos países de língua comum – com exceção da Áustria. Não existia, antes de Bismarck, uma nação alemã ou um Estado alemão.

A Alemanha do início do século XIX era composta por vários Estados, dos mais diferentes tamanhos. Eles compunham a Confederação Germânica, criada após o Congresso de Viena (1815). Além da Áustria e da Prússia, havia 33 Estados e quatro cidades-livres, em sua maioria com dialeto próprio, leis e características culturais muito diferentes.



O segundo grupo de imigrantes germânicos que construiu residência em Petrópolis, logo após a sua fundação em 1843, era formado por pessoas que já moravam no Rio de Janeiro e que possuíam boa situação financeira. Eles receberam lotes de terra especiais localizados na Vila Imperial (atual Centro de Petrópolis), juntamente com nobres e outros estrangeiros importantes. Entre esses imigrantes encontrava-se o próprio Koeler e sua família.

Como a primeira experiência em aproveitar a mão de obra dos imigrantes germânicos fora bem sucedida, os governantes da época, muitos até então partidários do trabalho escravo, foram levados a mudar de ideia.

Em 1844, o presidente da província do Rio de Janeiro, Aureliano Coutinho, assinou um contrato com Charles Delrue, vice-cônsul do Brasil em Dunquerque, com o objetivo de contratar 600 casais de colonos para trabalharem nas obras que aqui estavam sendo realizadas.

Porém, na tradução do contrato para o alemão, por descuido, vieram quase 600 famílias, totalizando mais de 2.300 germânicos.

Você sabia...

Que no obelisco, monumento localizado no Centro de Petrópolis, estão gravados os nomes dos primeiros colonos que chegaram a Petrópolis? São 361 nomes das 456 famílias de colonos germânicos.



O primeiro navio a chegar ao Rio de Janeiro, em 13 de junho de 1845, chamava-se Virginie e trouxe 161 colonos. Homens, mulheres e crianças que chegaram a Petrópolis no dia 29 de junho.

Ao longo do mesmo ano, chegaram ao Rio de Janeiro mais 12 navios trazendo outras famílias de colonos germânicos para o povoado de Petrópolis. As viagens desses imigrantes da Europa até o Brasil foram muito difíceis; passaram fome, sofreram maus tratos e vários adoeceram. Logo que aqui chegaram, foi necessária a compra de 200 cabras para alimentar as crianças, já que suas mães não tinham leite devido às dificuldades sofridas na viagem.

Assim, em 1845, Petrópolis parecia um pedaço da Alemanha. A língua alemã predominava em todos os cantos do povoado. Entre junho e novembro desse ano foram mais de 2.000 germânicos que aqui chegaram, entre crianças e adultos. Foi criada, assim, a Imperial Colônia de Petrópolis.

Diversos sobrenomes desses colonos germânicos permanecem até hoje entre os habitantes de Petrópolis. São os Justen, Kappaun, Kallenbach, Wendling, Theobald, Kniebel, Troyack, Pitzer, Noel, Molter, Nicolay, Brand, Blatt, Goettbauer, Lahr, Mussel, Stumpf, Tesch, Schmitz, Klippel, Lorang, Lischt, Kreisler, Neumann, Pitzer, Schanuel, Auler, Gabrich, Gehren, Sixel, dentre muitos outros.



Peter Schmitz, sua esposa Gertrudes Klein Schmitz e seus filhos. 1874. Acervo Museu Imperial.

No início, os colonos ficaram abrigados em barracões situados em quatro lugares diferentes: um grupo se instalou nos "Quartéis da Colônia" (barracões de madeira cobertos de telhas de zinco), localizados entre as atuais ruas General Osório e Marechal Deodoro, onde hoje se encontra o prédio do CEFET; outro grupo ficou abrigado em barracões no Alto da Serra; um terceiro grupo alojou-se em barracões no terreno onde hoje se encontra o prédio do Instituto Nossa Senhora de Lourdes e o quarto grupo se instalou em barracões no Meio da Serra. Somente em meados de 1846 é que os colonos começaram a ser transferidos para seus lotes de terra, à medida que as ruas iam sendo abertas. Foram tempos muito difíceis para esses imigrantes, que sofreram com fome, doenças, frio e outros problemas.



Rua do Imperador no cruzamento com a Rua Bourbon (depois Cruzeiro, João Pessoa e, hoje, Dr. Néilson de Sá Earp). À direita, os barracões de alojamentos dos colonos e a entrada da Rua D. Francisca (hoje General Osório). A primeira construção, à esquerda, abrigava a ferraria de Sixel. Fotografia de Augusto Stahl. Acervo Museu Imperial.

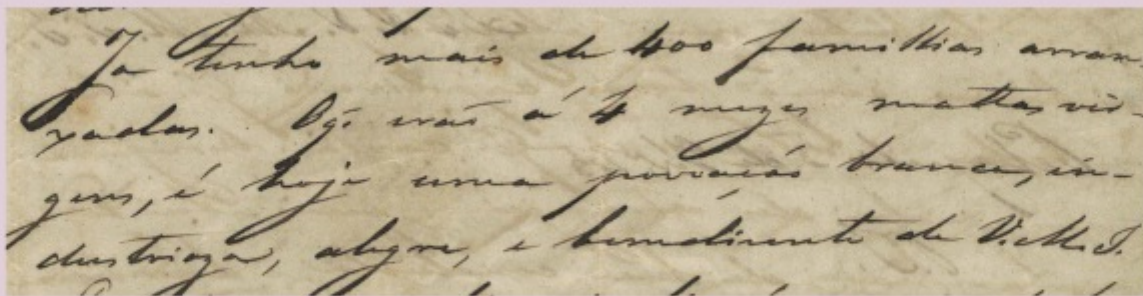
Cada casal recebeu um prazo de terra para ser pago a partir do oitavo ano de ocupação, porém um bom número não conseguiu cumprir com essa obrigação e acabou por deixar Petrópolis. Essas terras ficavam em quarteirões, nomeados por Koeler de acordo com a localidade de origem dos germânicos. Assim, foram criados os quarteirões Darmstadt, Woerstadt, Renânia, Westfália, Bingen, Mosela, Siméria, Ingelheim, Castelânea, Nassau, Palatinato, entre outros. Essa, também, foi uma maneira de resolver as brigas entre os colonos de diferentes regiões.

Em carta de 05 de novembro de 1845, o mordomo da Casa Imperial, Paulo Barbosa, descreve a d. Pedro II o avanço dos quarteirões coloniais:

“O que era há quatro meses matas virgens é hoje uma povoação branca, industriosa, alegre e bendizente à Vossa Majestade imperial”.

Refleta

Você percebe alguma forma de discriminação na afirmação do mordomo Paulo Barbosa?

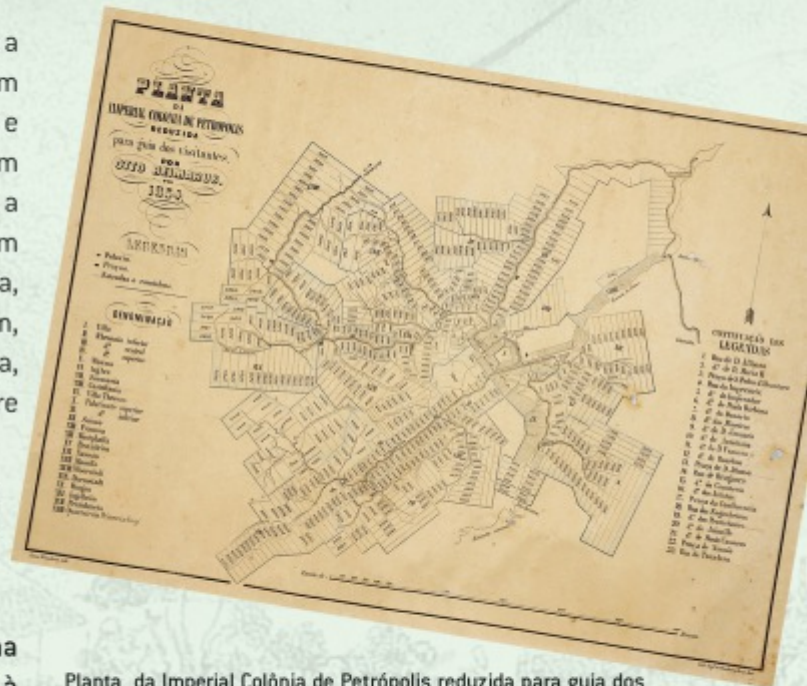


Trecho da carta de Paulo Barbosa a d. Pedro II. Petrópolis, 05/11/1845. Acervo Museu Imperial.

Curiosidade

No começo de 1846, já existiam 309 habitações nos quarteirões de Petrópolis, assim distribuídas: no Bingen, 26; Mosela, 34; Ingelheim, 29; Nassau, 38; Westfália, 28; Siméria, 17; Renânia Central, 30; Renânia Inferior, 25; Castelânea, 25; Palatinato Inferior, 18; Palatinato Superior, 12; Vila Teresa, 9. Na Vila Imperial, atual Centro de Petrópolis, havia somente 18 casas.

Ao final desse ano, havia 2.101 habitantes residindo aqui, sendo que 1.921 eram germânicos.



Planta da Imperial Colônia de Petrópolis reduzida para guia dos visitantes. A planta indica 23 quarteirões existentes com seus prazos numerados, as praças, ruas, estradas, caminhos e rios. Desenho de Otto Reimarus a partir de litografia de Louis Wiegand. Rio de Janeiro, Lith. Imp. de Rensburg, 1854. Acervo Museu Imperial.

Ao mesmo tempo em que construíam as próprias casas, os colonos que possuíam habilitação profissional trabalhavam com contrato nas obras públicas de urbanização e na construção do Palácio Imperial.



Tábua de madeira recolhida do teto de uma sala do Palácio Imperial de Petrópolis com inscrições feitas por colonos germânicos, nas quais se leem: Peter Schmitz, nascido em Cölln. Jakob Simon Bechtloff, nascido em Flonheim. Pedreiro e escultor de pedra. 1847. Acervo Museu Imperial.

Na folha de pagamento das obras do Palácio Imperial do mês de julho de 1845, já constavam os nomes de 53 colonos, integrantes de 26 famílias, entre as quais podemos citar: Deister, Esch, Hutter, Monken, Nicolay, Petri, Roche, Schanuel, Sutter, Schmitz e Weiand. Esses e outros colonos contribuíram para melhorar o rendimento da construção do palácio, já que a sua mão de obra era especializada, diferentemente do trabalho escravo. O colono Henrique Luiz Jaeger, por exemplo, foi o responsável pela construção das escadas do interior do palácio enquanto os colonos Conrado Vogt e os irmãos Nicolay fabricaram os móveis da propriedade.

Ao término da construção do palácio, algumas famílias de colonos se viram sem possibilidade de conseguir trabalho e acabaram por deixar a cidade, migrando para o sul do país ou para outros destinos.

Passatempo

Muitos imigrantes germânicos escolheram Petrópolis para viver. Encontre no caça-palavras o sobrenome de famílias germânicas que ajudaram a colonizar Petrópolis. Com certeza, você já ouviu falar de algumas, seja no nome de ruas, bairros ou de seus amigos e familiares.



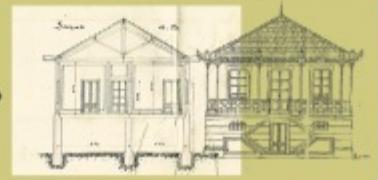
E O V O G E L Z S T Q K A M Y
D F S B K P B Q I J S L B P T
Y M O N K E N O U B U I U Z O
C N Q U W Z Z S L N Y N O Y P
S C H A E F E R G M G G U I R
L I C Q C R H A G X Y Y A H M
T M N P E C K A R D T L O S U
R C X W S B A C O J Y A J B E
I G R O S S U R H O U N U Y L
U I C E S E X A T E T S S Z L
E C H T E R N A C H T P T O E
A E S C H E P T X I T Q E E R
V Z X I U R F H L P T A N Y N
M T T S A T T L E R E G P A R
U D E E N N S A B W E B E R R



As construções das casas dos colonos, por sua vez, eram feitas utilizando-se as técnicas da alvenaria, do pau a pique e de enxaimel. Já os telhados podiam ser feitos com taboinha, zinco, telha ou lousa.

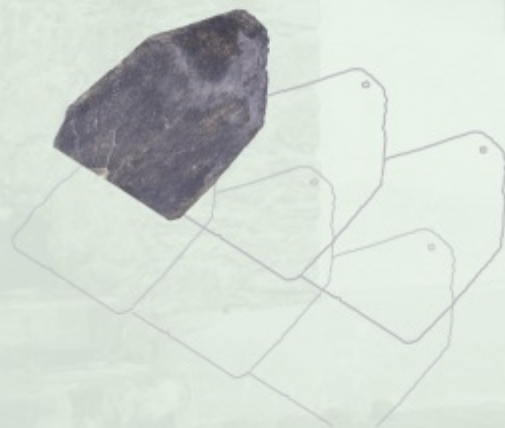
Dica

Que tal fazer uma pesquisa sobre as técnicas de construção utilizadas pelos colonos em Petrópolis e descobrir os materiais empregados em cada uma delas?



Casa que pertenceu à família do colono germânico Johan Gottlieb Kayser. Hoje, é o Museu Casa do Colono, no Quarteirão Castelânea. Apresenta paredes originais em pau a pique. Fotografia de Elena Guimarães. 2008. Acervo Museu Imperial.

As terras que os colonos receberam não eram boas para a lavoura. Alguns chegaram a vendê-las e partiram de Petrópolis, mas a maioria ficou. Trabalhavam como lenhadores, marceneiros, serralheiros, ferreiros, pedreiros, carpinteiros, alfaiates, sapateiros, correeiros, cavouqueiros; eram habilidosos artesãos e criavam peças em madeira. Com a criação de vacas, produziam laticínios, e a pequena quantidade de frutas cultivadas era vendida ou usada para fazer doces. Também forneciam hortaliças para estabelecimentos como hotéis e pensões, além de vender para veranistas.



Placa de ardósia usada na cobertura da casa do colono germânico João Pedro Weinen, no Quarteirão Westfália. Acervo Museu Imperial.



Vista de parte do Quarteirão Palatinato Inferior, vendo-se algumas plantações feitas por colonos germânicos e a atual Av. Marciano Magalhães, no Morin. 1867. Acervo Museu Imperial.

Para garantir o sustento da família, os colonos ainda criavam porcos e galinhas, e vendiam seus produtos caseiros na Vila Imperial (atual Centro de Petrópolis). Eram queijos, doces, biscoitos, salsichas, linguiças, bolos, manteiga, pães e cucas. Tudo muito gostoso! Era costume as crianças levarem esses produtos para venda em carroças puxadas por cabritos, antes mesmo do raiar do sol e das aulas. Só mais tarde, começaram a surgir as padarias e confeitarias de Petrópolis, com suas receitas exclusivas.



Paisagem da Rua da Imperatriz, onde se veem trecho do Rio Quitandinha e filhos de colonos com carroça puxada por cabrito. Fotografia de Jorge Henrique Papf. Acervo Museu Imperial.

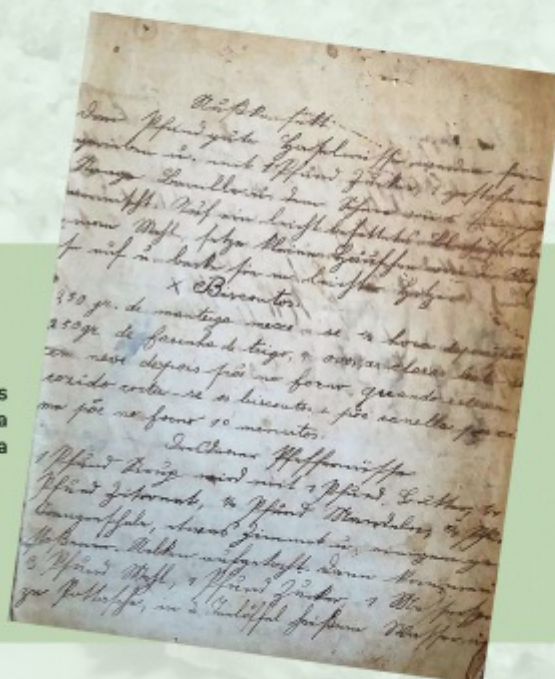
A culinária alemã

Trazida pelos colonos, está presente até hoje entre seus descendentes e em algumas lojas comerciais de Petrópolis. As famílias germânicas possuíam um forno no quintal de casa e era nele que era feito, entre vários quitutes e iguarias, o delicioso pão alemão. Na cozinha alemã dos colonos era comum encontrar, ainda, biscoito de araruta e de nata, cuca, geleia de laranja e de jabuticaba, patê de fígado, bolo de mel (*honigkuchuen*), chucrute, carne de porco, linguiça de sangue e de carne de porco, manteiga batida e queijo fresco (*frischkäse*).



Descendentes de colonos germânicos em torno de um porco, um dos principais alimentos da cozinha alemã. Com a mão na cintura, vê-se o sr. Alberto Becker, descendente de colonos, joalheiro e vereador de Petrópolis por vários anos. Cerca de 1940. Acervo particular de Renata Pertot de Oliveira.

Caderno de receitas da cozinha alemã escritas em português e alemão. Pertenceu à descendente de colonos Carolina Suzana Kling. Cerca de 1915. Acervo particular de Renata Pertot de Oliveira.



Receita

Você gostaria de experimentar uma típica receita alemã e fazer um delicioso pão alemão? Esta receita, de descendentes da família Kling, pode lhe ajudar.

Ingredientes:

- 500 g de farinha de trigo branca
- 8 g de sal
- 20 g de açúcar
- 1 colher de sopa de banha de porco
- 30 g de fermento biológico fresco ou um envelope de 10 g de fermento biológico seco instantâneo
- cerca de 250 ml de água morna

Modo de fazer:

Dissolver o fermento em 150 ml de água morna (30°C). Deixar uns 10 minutos.

Em uma tigela grande, colocar a farinha de trigo, o sal e o açúcar. Misturar bem.

Adicionar a gordura de porco e, com a ponta dos dedos, incorporar a massa com os demais ingredientes.

Acrescentar o fermento dissolvido em água. Amassar bem até todos os ingredientes se homogeneizarem.

Acrescentar água aos poucos se a massa estiver muito seca.

Sovar delicadamente a massa em movimentos contínuos até formar o ponto véu (a massa deve estar lisa e elástica).

Se for usar batedeira própria, serão 3 minutos em velocidade baixa e 7 minutos em velocidade um ponto mais alta.

Bolear a massa, colocar em uma tigela e cobrir com plástico filme para vedar bem (os antigos colonos faziam uma cruz nessa massa, numa espécie de oração).

Deixar por uma hora crescendo ou até dobrar de volume.

Após este período, untar uma forma de pão com banha de porco. Dar uma ligeira sovada na massa.

Formar o pão e colocar na forma. Tampar com um pano e deixar crescer por até 1 hora e meia ou até dobrar de volume.

Após os 40 minutos iniciais, ligar o forno em temperatura de 230°C e deixar pré-aquecendo por 30 minutos.

Colocar o pão no forno, abaixar a temperatura a 210°C e assar até que esteja dourado (em torno de 30 minutos).

Passar imediatamente uma pincelada de água na casca do pão. Isso irá dar maciez à casca.

Deixar o pão descansar sobre uma grade, no mínimo meia hora antes de partir. Isso irá realçar os aromas e sabores internos.

Bon appetite!



Os colonos germânicos também colaboraram na construção dos hotéis e mansões que foram surgindo em Petrópolis, pois a cidade tornou-se um agradável recanto para os veranistas.

Aliás, as primeiras atividades industriais em Petrópolis, por assim dizer, estão ligadas à construção. Em 1846, d. Pedro II mandara construir um engenho de serra, movido a água, para facilitar a obtenção de madeira para as construções. Em 1848, já havia mais de 600 casas construídas, das quais perto de 500 cobertas de taboinhas produzidas por colonos.

E assim o comércio e a indústria foram se desenvolvendo... Alguns eram cervejeiros, outros marceneiros, seralheiros, ferreiros. Aos poucos, os colonos foram montando suas oficinas e formando o centro comercial de Petrópolis, em especial, na Rua do Imperador.



Ferraria Echternacht, na Rua do Imperador. Acervo Museu Imperial.

Ainda em 1848, já havia 5 hotéis, 36 armazéns, 5 padarias e 4 açougues, além de oficinas de marcenaria, ferreiros, sapateiros, fabricantes de carros e outros.

O Bar e Hotel Meyer, de João Meyer, um dos alemães que vieram no navio Justine, vendia boa cerveja e sua casa era ponto de reunião dos colonos, que, depois, o elegeram para a Câmara Municipal.



Hotel Meyer, localizado na Rua do Imperador. Pertenceu ao colono João Meyer. Litografia de Sébastien A. Sisson. Segunda metade do século XIX. Acervo Museu Imperial.

Já Heinrich Rittmeyer fundou a Ourivesaria e Relojoaria Rittmeyer, que funcionou em mãos de seus descendentes até 1983. Foi a loja comercial petropolitana que ficou mais tempo em funcionamento!

Pense e resolva

A Ourivesaria e Relojoaria Rittmeyer foi fundada em 1850 e encerrou suas atividades em 1983 e, durante todo esse tempo, pertenceu à mesma família. Por quantos anos os Rittmeyer foram proprietários dessa loja? Há quanto tempo ela deixou de funcionar?



Ourivesaria e Relojoaria Rittmeyer. Fotografia de Brun. Acervo Museu Imperial.

Para a construção de casas, prédios e igrejas, Thomaz Holden fornecia tijolos e telhas, inclusive para as obras do Palácio Imperial; Henrique Kremer, com as suas taboinhas de madeira e coberturas de vidro, fazia concorrência às telhas e ainda se encarregava de fabricar cerveja; Carlos Lange disputava a mesma clientela de interessados em telhados com as suas coberturas de telha de zinco; Jakob Beck plantava trigo no Bingen e também era carpinteiro, tendo feito o telhado da Igreja Luterana. Quanta gente habilidosa!

Em pouco tempo, começaram a ser criadas fábricas de cerveja, o que muito colaborou para o desenvolvimento econômico local. Havia, inicialmente, a cerveja fabricada por Carlos Rey & Cia., na Vila Teresa, e, depois, também por Augusto Chedal e Henrique Leiden. Timóteo Duriez e Pedro Gerhardt também fabricavam cerveja. Aliás, neste assunto de cerveja, é interessante observar que, em 1853, as duas fábricas de Carlos Rey e Chedal produziam 6 mil garrafas por ano.

Ainda em 1853, o colono germânico Henrique Kremer passou a produzir de forma industrial a conhecida Cerveja Bohemia. E, anos mais tarde, em 1858, há o registro de que havia seis fábricas de cerveja em Petrópolis, fortalecendo na cidade a cultura alemã pelo gosto dessa bebida.



Cartaz de propaganda da Cerveja Petrópolis, que era produzida por Frederico Guilherme Lindscheid, na Imperial Fábrica de Cerveja Nacional, atual Cervejaria Bohemia. Acervo Museu Imperial.



Companhia Cervejaria Bohemia, formada em julho de 1898. Veem-se, em frente à fábrica, duas carroças carregadas de garrafas de cerveja. Acervo Museu Imperial.

Houve também mais um grupo de imigrantes germânicos que chegou a Petrópolis. Em 1857, esse grupo foi contratado para a obra de construção da Estrada União e Indústria, que ligava Petrópolis a Juiz de Fora. Os imigrantes, na sua maioria artífices, receberam lotes de terras ao longo dessa estrada, onde passaram a morar.

Muitos outros imigrantes germânicos foram para Petrópolis por iniciativa própria, sem a interferência do governo. Entre eles, o músico Gustavo Eckardt, o entalhador de madeira Carlos Spangenberg e o pintor e fotógrafo Karl Ernst Papf. Houve também casos de descendentes de colonos germânicos, que nasceram em outras colônias no Brasil e depois se transferiram para Petrópolis, como aconteceu com o engenheiro Oscar Weinschenck, que chegou a ser prefeito de Petrópolis.

Durante as temporadas de verão em Petrópolis, d. Pedro II mantinha um contato muito próximo com os colonos. Fazia visitas aos quarteirões e participava das festas cívicas e religiosas promovidas pelos imigrantes. A cada temporada da família imperial na serra, era tradição o imperador batizar como padrinho um filho de colonos. Além disso, cobrava providências constantes aos administradores da Colônia acerca dos problemas que surgiam nos quarteirões. O imperador, chamado pelos colonos de *unser kaiser* (nosso imperador), sempre foi muito respeitado e festejado por todos os colonos.



Dom Pedro II. Reprodução fotográfica por anônimo de um original fotográfico, de Adèle. Viena. Cerca de 1877. Acervo Museu Imperial.

Saiba mais...

Com o objetivo de expandir a Colônia, d. Pedro II comprou as fazendas vizinhas do Córrego Seco, triplicando a área da Fazenda Imperial de Petrópolis e permitindo, assim, a criação de novos quarteirões coloniais.

Mas você deve estar curioso para saber o que os colonos germânicos faziam para se divertir. Quais eram as suas principais atividades de lazer, em uma época em que não havia televisão, cinema ou shopping center?

Nos primeiros tempos da Colônia, a vida recreativa girava em torno das festas escolares e religiosas, no espaço dos quarteirões. Com o fim do regime colonial, em 1860, surgiram as sociedades recreativas, musicais e dançantes.



Fique por dentro

Petrópolis conquistou sua autonomia política em 1857, tornando-se um município. Com isso, foi oficialmente extinto o regime colonial. A Imperial Colônia de Petrópolis, que teve sua origem com a chegada dos colonos em 1845, durou aproximadamente 15 anos.

De acordo com estatísticas oficiais de 1857, ao ser elevada à categoria de cidade, Petrópolis possuía uma população de cerca de 6 mil habitantes, dos quais 3 mil de origem alemã e 1.265 filhos de germânicos já nascidos no Brasil.

Os corais e bandas de música foram se formando e a maior festa da Colônia acontecia na abertura da temporada de verão, quando a família imperial era recebida com muita animação em Petrópolis. Os colonos vestiam suas melhores roupas nestas ocasiões e as bandas de música e corais faziam uma bela recepção ao imperador e à imperatriz.

Ah... e como os colonos germânicos gostavam de dançar! Era comum participarem dos bailes do Hotel Bragança, localizado na Rua do Imperador. Nos domingos e dias de festejos, dançavam das 6 horas da tarde às 6 horas da manhã. Quanta disposição!

Esse povo germânico era muito bom mesmo na área musical! Gostava de bandas como ninguém! A primeira banda de música dos colonos surgiu ainda em novembro de 1845 e era composta por 12 pessoas. Mas houve um músico, o sr. Gustavo Eckardt, que se destacou na Colônia. Este afinador de piano e também carpinteiro nas obras de Petrópolis criou uma banda que tinha como integrantes, além do próprio sr. Gustavo, os irmãos Henrique, Pedro e Frederico Esch, Francisco Vogel e Pedro Jacobs.



Revista Derbund, publicada na língua alemã em São Paulo e destinada aos alemães residentes no Brasil. Neste exemplar de 1932, vê-se matéria sobre os 90 anos de Jakob Beck, colono alemão que veio para Petrópolis e ganhou o título de Honra ao Mérito conferido pela Associação de Grupos Corais da Alemanha, por estar cantando há 50 anos em corais. Acervo particular de Renata Pertot de Oliveira.



Banda de música dos Irmãos Eckardt e Companhia. Fotografia de Hees. Acervo Museu Imperial.

Passados alguns anos, Gustavo Eckardt saiu da banda e foi substituído na regência por José Schaefer, que batizou o grupo como *Banda Schaefer*. Em seguida, o talentoso e conceituado Gustavo Eckardt criou uma nova banda com seus oito filhos: a famosa *Banda dos Gustavos*, que existiu até o ano de 1896. Apresentavam-se nos finais de ano no Palácio Imperial e às quartas-feiras e domingos no Centro de Petrópolis. Apresentavam-se também em quase todas as solenidades da cidade.

Um dos corais que existiram naqueles tempos e que era formado por 20 a 25 colonos germânicos foi o regido pelo também colono Jacob Müller. O coral começou a se apresentar em 1849, a princípio com cânticos religiosos, nas missas dominicais.

Surgiram outros grupos musicais, como a *Banda Maul*, composta pelos descendentes do colono Martim Maul. Todos eles, ao longo dos anos da antiga Petrópolis, expressaram o talento e a alegria do povo alemão.



Banda dos Gustavos em um piquenique realizado na chácara de J. B. Binot, no Retiro, por volta de 1870. Veem-se sete irmãos Eckardt e o pai; membros da família Bauer, Kreischer, Kramer, Lutz, Craus, Müller; além da família de Vitorino Figueiredo. Acervo Museu Imperial.

Já em 1863, os irmãos Stroelle fundaram a *Deutscher Saengerbund Eintracht*, denominada mais tarde Coral Concórdia. Era uma sociedade que tinha como finalidade reunir os colonos germânicos para a troca de ideias e reviver as suas tradições. Ali desenvolviam o canto, atividades esportivas e de lazer, teatro, literatura e recitais. Você sabia que essa instituição funciona até hoje?

Em seguida, surgiram outras associações, sendo algumas delas localizadas nos bairros Nassau, Bingen e Mosela. Cada qual criava o seu próprio coral e desenvolvia também outras atividades artísticas e esportivas, além de organizar passeios, piqueniques e outros eventos.

Assim, em 1894, foi fundada a *Deutscher Verein* e, no ano seguinte, foi criada a *Harmonie Moselthal* pelo sr. Carlos Kling, que mais tarde passou a denominar-se Sociedade Recreativa Harmonia Brasileira. Havia ainda a associação *Cecilien Verein*, a *Liedertafel* e o *Turnverein*, fundado por Pedro Hilgert, em 1898, a fim de promover a ginástica corporal de salão como forma de zelar pelo bem-estar dos associados.



Professor Frederico Stroelle, fundador da *Deutscher Saengerbund Eintracht* (denominada mais tarde Coral Concórdia). Fotografia de Otto Hees. Acervo Museu Imperial.



Piquenique de colonos germânicos em Petrópolis, vendo-se o professor Stroelle e o sr. Rittmeyer, além de mulheres, crianças e outros homens. Acervo Museu Imperial.



Atletas do *Turnverein* de Petrópolis. Fotografia de Hees. Acervo Museu Imperial.

Curiosidade



Os colonos, depois de um dia cansativo de trabalho, necessitavam de um pouco de distração e, assim, por volta de 1858, era comum dirigirem-se à casa de João Descheper, na Praça das Diligências (atual Praça Dr. Sá Earp, no Centro de Petrópolis) para jogar bilhar. Ali tomavam a sua cerveja e podiam descansar da lida do trabalho.

Bebedores de cerveja em Petrópolis. Fotografia de Pedro Hees. Cerca de 1870. Acervo Museu Imperial.

Entre os colonos, havia os que tinham grandes habilidades para o artesanato e que se destacaram na Colônia com belos trabalhos. Entre eles, podemos lembrar os nomes dos ferreiros Jacob Monken e Luiz Echternacht, dos marceneiros Jacob Nicolay, Henrique Brahm, Henrique Luiz Jaeger e Theodoro Eppinghaus, e do funileiro Adão Boller.



Grupo formado pelo colono Valentim Monken e sua família. Fotografia dos Irmãos Hees. Acervo Museu Imperial.

Você sabia que a arte da fotografia estava presente entre os colonos? Philip Peter Hees, filho do colono Christian Hees, desenvolveu a arte fotográfica em Petrópolis, produzindo fotos com vistas da cidade, fotos do imperador d. Pedro II e muitos outros trabalhos fotográficos. Interessante, não?



Prédio onde funcionava o estúdio de fotografia dos irmãos Hees, no Largo D. Afonso [atual Praça da Liberdade], 1890. Acervo Museu Imperial.

Além dos colonos e seus descendentes, outras pessoas de nacionalidade germânica vieram para Petrópolis e deram marcantes contribuições na área artística.

Carlos Spangenberg, entalhador germânico, chegou a Petrópolis por conta própria em 1846 e dedicou-se, especialmente, à fabricação de peças de madeira e osso, sobretudo bengalas, que ficaram conhecidas como "bengalas Petrópolis". As bengalas eram tão bonitas que d. Pedro II chegava a presentear seus amigos da Europa com uma delas.



Peças em madeira produzidas pelo entalhador alemão Carlos Spangenberg. Século XIX. Acervo Museu Imperial.

Henrique Sieber, outro germânico e hábil lapidário de vidros, abriu, em 1857, uma loja e oficinas no Centro de Petrópolis, onde eram produzidos e vendidos copos, cálices, garrafas e jarros feitos de vidro e cristal, todos com gravações de magníficos desenhos produzidos por seu irmão, Guilherme Sieber.



Copo de cristal para vinho do Porto fabricado e lapidado pelos irmãos Sieber. Acervo Museu Imperial.



Houve mais um germânico que contribuiu com as artes em nossas terras: Karl Ernst Papf, fotógrafo e pintor, que veio para Petrópolis no final do século XIX. Além da arte fotográfica, Papf pintou belíssimos retratos de alguns filhos e netos de colonos e também de outras personalidades da sociedade petropolitana. Pintou, ainda, paisagens da nossa bela Petrópolis.

Vista de Petrópolis [Estrada da Serra Velha]. Óleo sobre tela de Karl Ernst Papf. 1888. Acervo Museu Imperial.

Já no campo do trabalho, em 1853, ocorreu um grande evento social na colônia germânica! Por iniciativa de germânicos como Spangenberg, Damcke e Júlio Anders, foi criada a primeira associação dos colonos, que se dedicava a estimular a agricultura e a indústria local. A instituição, chamada *Der Deutsche Gewerbe und Landwirtschaftliche Verein in Petrópolis*, mantinha um liceu de artes e ofícios para formar mão de obra em técnicas agrícolas e industriais, além de uma biblioteca especializada. A associação também promovia exposições de produtos, projetos de máquinas e amostras de madeiras e minerais, como também fazia distribuição de sementes aos associados.

E, assim, Petrópolis foi se desenvolvendo e a sua população aumentando, com pessoas que vinham de outras regiões e com os casamentos que foram se realizando e gerando filhos, sobretudo entre os colonos, que formavam a maioria da população.

O fato é que, além dos quarteirões onde predominavam a moradia dos colonos germânicos, havia os que eram formados por imigrantes de outras nacionalidades. Assim, ao final do ano de 1845, a população local estava composta por 1.921 germânicos, 83 brasileiros, 61 portugueses, 15 franceses, 7 ingleses e 1 suíço.



Carlos Spangenberg, entalhador e um dos fundadores da Associação Agrícola e Industrial da Imperial Colônia de Petrópolis. A fotografia está inserida em um broche esculpido em madeira por Spangenberg. Acervo Museu Imperial.



Igreja Evangélica de Petrópolis, inaugurada em 1863, na Rua Joinville [atual Av. Ipiranga]. Impresso da mesma época. Acervo Museu Imperial.

Os colonos germânicos seguiam as religiões católica e protestante, e havia padre e pastor para dar assistência religiosa a todos. Os casamentos entre membros de uma religião e outra já eram comuns naquela época, mas o mesmo não ocorria com o namoro e casamento de colonos de quarteirões diferentes.

No início da vida social dos colonos germânicos, não era nada fácil namorar uma moça de outro quarteirão, mesmo se fosse de um quarteirão também de germânicos. A rivalidade era grande entre eles! Os pretendentes de fora eram colocados para correr pelos rapazes do local a pedradas e pauladas! Com o passar dos anos, os germânicos foram ficando mais maleáveis e a união entre rapazes e moças de nacionalidades e quarteirões distintos passaram a ocorrer com mais tranquilidade.



Veja só!



As filhas dos colonos eram sempre muito bem vigiadas pelos pais quando estavam namorando. Assim, nunca ficavam sozinhas com os namorados para que jamais cometessem alguma falta moral.

Por época do casamento, o noivo comprava palha de milho e toda a família reunia-se num cômodo da casa para desfiá-la, a fim de confeccionar o colchão do casal. Já os travesseiros eram feitos com as penas macias das aves domésticas.

A festa, geralmente, acontecia na casa da noiva e a animação ficava por conta de um sanfoneiro, que tocava vários tipos de músicas, como polkas, mazurcas e valsas, além de cantigas alemãs que eram cantadas por todos. A comemoração terminava na manhã do dia seguinte, porém, neste mesmo dia e na parte da tarde, todos se reuniam novamente para comer, beber e dançar até por volta das 21 horas.

Os salgados, doces e pães eram feitos em casa, e o vinho servido era produzido com as frutas do pomar. As bebidas compradas eram apenas as cervejas e os refrigerantes, que eram resfriados em água corrente.

No sábado seguinte, à noite, repetiam a festa e esta era denominada de segundo casamento. Todos da família e convidados reuniam-se novamente, seguido de mais comes e bebes, sanfoneiro e muita dança, que ia até a madrugada. O mais interessante é que era somente neste dia que os noivos recebiam os presentes.



O colono Pedro Debald e sua esposa, Elisabeth Schmitd Debald. Acervo Museu Imperial.

Fonte preciosa de informações, os jornais podem nos ajudar a conhecer detalhes sobre a vida na Petrópolis de antigamente. *O Mercantil*, primeiro jornal de nossa cidade, fundado em 1857, nos dá notícia de tudo e de todos.

Em 9 de outubro de 1858 publicou:

“Causa verdadeiro prazer visitar a colônia do Palatinato, pertencente ao alemão Weber. De quantas temos visto em Petrópolis, é esta a mais bem dirigida e a melhor aproveitada.

O terreno da colônia consta de duas porções distintas, uma plana e outra montanhosa e muito íngreme.

É naquela que o nosso alemão trabalha, fazendo as suas plantações e de onde tira produtos para a sua subsistência e para a de sua família, constando de mulher e um casal de filhos.

Esta pequena planície acha-se dividida em quarteirões apropriados aos diversos gêneros de cultura. Dois são para a plantação do centeio, um para a de aveia, uma boa porção para o plantio de batata e outra para o de hortaliças, flores, árvores frutíferas etc.

A vivenda da família é uma casa coberta de lousa de 30 palmos de largura e 60 de comprimento, dividida comodamente, e dentro da qual não falta a mobília, e onde o chefe da família tem uma excelente cama de cedro, perfeitamente acabada e envernizada para si e sua boa Eva.

Os filhos falam belamente o português, o pai muito mal e a mãe não pesca palavra.

Deus os proteja e sejam felizes para modelo entre colonos”.

Saiba mais

Atualmente em Petrópolis, há associações e clubes que se dedicam à memória e divulgação das tradições da cultura alemã em nossa cidade, com destaque para os costumes e histórias das famílias de colonos que para cá vieram no século XIX. O Clube 29 de Junho é um deles! Fundado a 29 de junho de 1959 em sessão solene realizada na Câmara Municipal, o clube teve como idealizadores Guilherme Auler, Gustavo Ernesto Bauer, Manoel Walter Bechtluft, Brasília Felipe Bretz e Manoel W. Betchluft. A entidade é responsável pela criação do Festival Germânico que originou a Festa do Colono Alemão.



Um outro povo que trouxe grande contribuição para a formação da povoação de Petrópolis e para o crescimento de nossa cidade foi o português.

Antes mesmo da chegada dos colonos germânicos por aqui, a maioria dos imigrantes de Petrópolis era de origem portuguesa, sendo que era costume se distinguir entre os que vinham do continente – geralmente comerciantes – e os ilhéus, que vinham do arquipélago dos Açores e se empregavam como trabalhadores braçais ou agricultores.



Jornal *O Mercantil*. Petrópolis, 24/02/1854. Acervo Museu Imperial.

A partir de janeiro de 1836, com a fundação da Sociedade Promotora de Colonização do Rio de Janeiro, chegaram nove mil colonos portugueses na capital da província, sendo seis mil das Ilhas dos Açores. Alguns desses colonos, sob os ordens de Koeler, foram trabalhar na construção da ponte do Rio Paraíba e, mais tarde, na conservação da Estrada da Serra da Estrela. Eram 70 famílias com cerca de 150 pessoas. Muitos destes imigrantes permaneceram próximos à Vila de Paraíba do Sul, Serra da Estrela e no Córrego Seco.

Dos sítios e fazendas nos quais os grupos de açorianos estabeleceram-se está hoje o Vale do Cuiabá, no distrito de Itaipava, local onde foi fundada uma Irmandade do Espírito Santo, o que demonstra os traços culturais e a religiosidade desse povo.

Foi nesse cenário que uma família se destacou. Antonio Alves Cabral e seus descendentes tornaram-se os maiores proprietários de terras da região. Com grande habilidade para os negócios, Cabral investiu no café e na cana-de-açúcar, comprou escravos e ampliou empreendimentos.

Já com o início das obras do Palácio Imperial, em 1845, houve necessidade de contratar especialistas em cantaria (corte e entalhe de pedras) e carpintaria, o que atraiu a vinda de portugueses para estes trabalhos. Esses imigrantes, inclusive, receberam de d. Pedro II prazos de terra na Vila Imperial (atual Centro de Petrópolis).

Assim, Francisco Alves Nogueira executou os estuques (trabalhos decorativos) dos tetos do palácio; João Batista Dall'Orto produziu ferragens de bronze; Joaquim de Barros Campos fabricou móveis para o palácio; Justino de Faria Peixoto trabalhou como mestre de obras; Domingos Francisco Batista produziu os quatro pedestais jônicos de cantaria para a escada externa e as duas rampas laterais, entre alguns outros portugueses que contribuíram na construção do Palácio Imperial, como Joaquim Cândido Guillobel, arquiteto da Imperial Academia de Belas Artes.



Palácio Imperial de Petrópolis. Veem-se os jardins ainda sem planejamento. Litografia de Menezes & Cia. Acervo Museu Imperial.

Outros imigrantes portugueses se instalaram em Petrópolis, na mesma época, motivados pelas novas oportunidades que surgiram no ramo do comércio. Abriram diversas casas de negócio, sobretudo na Rua do Imperador, que iam da importação de escravos à exportação de madeiras nobres.

Ainda outro grupo de mesma nacionalidade instalou na cidade oficinas artesanais de alfaiataria, sapataria, ferraria, chapelaria, marcenaria, olaria e correaria (artigos de couro).

Os portugueses também se dedicaram às atividades hoteleiras, que cresceram bastante com a vinda de veranistas que acompanhavam a família imperial e outras pessoas importantes daquela época. Um dos hoteleiros mais conhecidos foi Antônio Pereira Campos, que adquiriu o Hotel Bragança do antigo proprietário e ainda era dono do Hotel Orleans. Mais tarde, o português Manuel Joaquim Reis tornou-se proprietário do Hotel Reis e fundador do Hotel Brasil, além de fundar o Café e Bar Nacional.



Vista do Hotel Orleans e da Rua Dom Afonso [atual Av. Koeler]. Óleo sobre madeira de Nicolau A. Facchinetti. 1883. Acervo Museu Imperial.

Durante as décadas de 1850 e 1860, a imigração portuguesa intensificou-se com a vinda de um grande número de trabalhadores açorianos para as obras da Estrada União e Indústria, como também para a agricultura. Foram criadas, assim, novas e importantes comunidades portuguesas, como a dos floricultores do Caxambu, região que tem oficialmente o nome de Quarteirão Português; a dos cafeicultores de Itaipava e Pedro do Rio; e a do agro-pastoril de São José do Rio Preto.



Como vemos, muitos foram os portugueses que contribuíram para o desenvolvimento de Petrópolis, em áreas distintas. Podemos lembrar, ainda, de Bartholomeu Pereira Sudré, que fundou, em 1857, o primeiro jornal editado em Petrópolis, *O Mercantil*, e de Augusto Emilio Zaluar, escritor que fundou *O Parahyba*, segundo jornal a circular em nossa cidade. Antônio Pereira Campos, já citado como hoteleiro em Petrópolis, e Manuel Alves de Seabra colaboraram na fundação da Real Sociedade Portuguesa de Beneficência de Petrópolis, instituição muito eficiente que sempre manteve seu caráter humanitário. Já o comendador Antônio José Corrêa Lima esteve ligado por muito tempo à Agência do Correio de Petrópolis, criada em 1848. Lá, foi agente postal, cargo que exerceu por mais de 40 anos. Outro nome, este da área da saúde, foi o do conhecido médico dr. Ernesto Paixão.



Dr. Ernesto José Ferreira da Paixão, médico português que atuou em Petrópolis. 20/12/1908. Acervo Museu Imperial.

Na área da educação, o português Guilherme Kopke projetou e construiu, em 1848, o edifício do Colégio Petrópolis (mais conhecido como Colégio Kopke) para seu irmão Henrique Kopke, que o dirigiu por mais de 30 anos. O monsenhor José Benedito Moreira fundou o Colégio Padre Moreira em 1886, educandário para meninos conhecido pela excelente qualidade de seu ensino, e Antônio Noronha fundou, em 1903, o Colégio Luso-Brasileiro. Temos que lembrar, também, do professor Henrique Pinto Ferreira, que fundou o Colégio Pinto Ferreira, de Napoleão Esteves, que fundou um colégio com seu nome, e de muitos outros professores que ensinaram crianças e jovens do passado de nossa cidade.

Dois irmãos portugueses também contribuíram para o desenvolvimento de Petrópolis: o monsenhor Francisco de Castro Abreu Bacelar e o comendador Fernando de Castro Abreu Magalhães. O monsenhor Bacelar auxiliou no sustento do antigo Asilo Santa Isabel, foi membro da Comissão Administrativa do Hospital Santa Teresa e colaborou na fundação e manutenção do Asilo do Amparo. Também construiu edificações importantes na cidade, incluindo o prédio onde funcionou o Hotel Orleans. Já seu irmão, o comendador Fernando, executou diversas ações no campo da educação, como a manutenção do Colégio Santa Isabel.



Retrato do comendador Fernando de Castro Abreu Magalhães. Óleo sobre tela de Miguel Cañizares. 1886. Acervo Museu Imperial.

Algumas das atividades mais interessantes da cultura de Portugal estão ligadas à alimentação, desde o restaurante tipicamente português, o bolinho de bacalhau, até os doces comercializados nos mercados da cidade. E, inclusive, as construções arquitetônicas, como o edifício da Beneficência Portuguesa e aquelas erguidas no período do Império. Não podemos esquecer, ainda, da herança da língua, tão rica e que nos identifica como nação. Ou seja, as marcas dos portugueses estão por toda Petrópolis.



Não foram apenas germânicos e portugueses que participaram da povoação de Petrópolis. Nossa cidade recebeu imigrantes das mais diversas nacionalidades. Entre esses povos, os italianos contribuíram imensamente para a nossa formação cultural.

Há registros que mostram sua presença em nossas terras desde a década de 1840, oferecendo à Colônia um colorido especial: gostavam de música e eram muito alegres, dinâmicos e colaborativos. Sem esquecer, é claro, da sua famosa culinária. Até hoje podemos observar o espírito festivo dos italianos durante a realização da Serra Serata. A festa ocorre todo ano no mês de setembro e busca valorizar a cultura, os costumes e a gastronomia italiana, tão apreciada no mundo todo!



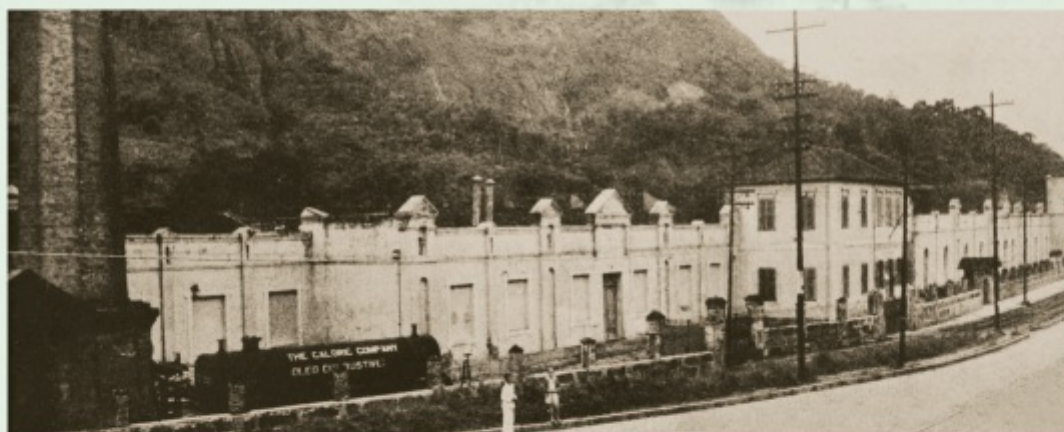
Saiba mais...



Quando falamos em gastronomia italiana é impossível não pensar em pizza! Há quem diga que seu ancestral foi uma invenção egípcia, com a junção da farinha com a água. Há quem acredite, ainda, que foi na Grécia. É possível, também, que possa ter chegado à Nápoles através dos turcos, no século XI! O que realmente sabemos é que os italianos se especializaram no assunto e que pertence a eles a pizzeria mais antiga existente: a *Antica Pizzeria Port'Alba*, aberta em 1830, em Nápoles!

Os primeiros italianos que chegaram a Petrópolis foram morar no Quarteirão Siméria, Renânia Superior e na antiga Fazenda Quitandinha, atual Bairro Independência. Mais tarde, formaram o Quarteirão Italiano, também na mesma região. Ao longo dos anos, a presença italiana foi muito importante para o desenvolvimento artesanal e industrial de nossa cidade. Diferentemente dos germânicos, que vieram da Europa com contrato oficial, os italianos chegaram a Petrópolis espontaneamente e, como operários, já possuíam algum conhecimento técnico para atuação na indústria têxtil.

Pioneiros, foram responsáveis, no início do século XX, pela criação de uma indústria de sedas, a Fábrica Santa Helena, fundada por Edoardo Capitani, e pela Cometa-Petrópolis Società Anonima, fundada por Cavaliere Carlo Pareto. A Cometa possuía duas fábricas: uma no Alto da Serra e outra no Meio da Serra, totalizando 6 mil funcionários e com uma produção de 4 milhões e meio de metros de tecidos.



Fábrica de Tecidos Cometa, localizada no Alto da Serra, onde hoje se encontra o Hipermercado Extra e o Hipershopping ABC. 1934. Acervo Museu Imperial.

Curiosidade

Na Itália, o sobrenome das famílias era utilizado antes do nome escolhido para cada um. Porém, chegando ao Brasil, por falta de conhecimento dos habitantes locais, muitos nomes foram traduzidos de maneira incorreta, transformando o nome de família em nome próprio e vice-versa. Imagine que confusão!

As habilidades dos operários que chegaram a Petrópolis logo foram reconhecidas e muitos foram contratados por outras indústrias, com destaque para a Companhia Petropolitana de Tecidos, enquanto esteve instalada no Cascatinha. Fundada por Bernardo Caymari, na Westfália, e inaugurada em 1873, a fábrica funcionou por muitos anos nessa região. Após reestruturação e reorganização, suas atividades foram transferidas para outro grupo e passou a funcionar sob nova presidência. Já no Cascatinha, sua vila operária, conhecida como "Sobrado" (todas as residências possuíam dois andares), transformou o bairro em uma localidade predominantemente italiana.



Vista do bairro Cascatinha. Veem-se o Rio Piabanha em primeiro plano, o prédio da Companhia Petropolitana de Tecidos ao centro e a Igreja de Santana e de São Joaquim à esquerda do prédio. Fotografia de J. H. Papf. Acervo Museu Imperial.

A Companhia Petropolitana de Tecidos oferecia aos trabalhadores uma ótima estrutura, como berçário e escola para suas crianças. Na fotografia, veem-se operárias com seus filhos e alguns funcionários em frente ao prédio do berçário da fábrica. Acervo Museu Imperial.



Quem é?

Bernardo Caymari era cubano e veio a Petrópolis para tratar de sua saúde, mas acabou se estabelecendo aqui e resolvendo investir na região. Foi um importante empresário que contribuiu muito para o progresso no ramo de fiação e tecidos. Além da atuação na indústria, participou do comércio e se envolveu em diversas atividades benéficas para a nossa sociedade, como a contribuição às obras e jardins do Palácio das Exposições, espaço que, em 1884, deu lugar ao Palácio de Cristal.

Infelizmente, alguns de seus projetos, na década de 1880, não tiveram sucesso, como a ideia de implantação de uma via férrea para carros puxados por animais, que serviriam de locomoção para a população, e a iluminação da cidade com luz elétrica.

No comércio, os italianos destacaram-se no ramo do carvão vegetal e em diversas outras áreas, como confeitaria, hotelaria, bancas de jornais e restaurantes. Deram origem ainda a um importante núcleo agrícola localizado em São José do Rio Preto, distrito de Petrópolis na época.

Alguns nomes de comerciantes são conhecidos até os dias atuais, como é o caso de Filippo Gelli! Você já ouviu falar neste sobrenome ou sabe onde podemos encontrá-lo em nossa cidade?

Filippo foi responsável pela criação de uma das mais conceituadas indústrias de móveis do estado do Rio de Janeiro, a partir de sua modesta marcenaria inaugurada em 1897, na Rua do Imperador. A Casa Gelli, que fabricava móveis em grande escala, foi a primeira empresa do setor a ter CNPJ no Brasil, o que indica que, formalmente, a indústria moveleira nacional teve seu início na cidade de Petrópolis.



Marcenaria de Filippo Gelli. 1907. Acervo Museu Imperial.

Em terras desconhecidas e sem a presença de amigos e familiares, os imigrantes italianos desenvolveram meios para resolver alguns dos problemas enfrentados por aqui. Começaram a formar grupos, aproximando-se pela religião, pela língua, por hábitos ou pelas tradições. Buscavam apoio nessas comunidades de italianos para que tivessem condições mínimas de sobrevivência tão longe de casa que estavam. Criaram sua própria escola, com ensino de português e italiano. Trouxeram ainda um professor da Itália e um padre para que realizasse missas em seu idioma.

Veja só!

Conta-se que certo padre italiano, habitante de Petrópolis e também bacharel em Direito, defendeu muitos réus que não possuíam recursos para o pagamento. Uma atitude muito bonita, mas que o deixava sem dinheiro. Para resolver essa situação, o padre vendia poltronas no céu aos fiéis. Mas e quando precisava novamente de mais contribuições?

Era fácil! Oferecia novas poltronas com o argumento de que agora havia posições melhores e mais próximas de Deus, mediante doação de mais alguns mil réis...



Já na área de assistência social, os italianos fundaram quatro associações com o objetivo de promover maior integração entre os novos habitantes e ainda auxiliá-los no que fosse necessário. Duas dessas associações funcionavam no Centro e as outras no Cascatinha, região muito importante que abrigava mais de 200 famílias italianas. Além de atividades sociais, as associações ofereciam auxílio a pessoas que estivessem incapacitadas para o trabalho e a familiares de sócios falecidos. Criaram uma escola e promoveram até mesmo uma banda: a Banda Italiana de João Brandin, maestro e clarinetista!

Muitos outros nomes se destacam quando pensamos na grande contribuição que a imigração italiana proporcionou a Petrópolis, entre eles Antônio Januzzi, que atuou em projetos de diversos prédios luxuosos a partir de 1890, como o Palácio Rio Negro, o Palácio Sérgio Fadel, atual sede da Prefeitura, e o Palácio Itaboraí, no Valparaíso.

Podemos citar, ainda, os irmãos D'Angelo. Imigrantes do norte da Itália, chegaram ao Brasil no final do século XIX. Giovanni, o mais velho, veio primeiro e estimulou os outros, que logo o seguiram. Iniciaram a vida aqui como carregadores, dormindo nos fundos de uma quitanda, e, graças ao trabalho árduo, prosperaram em seus negócios. Entre os vários empreendimentos nos quais se envolveram, podemos citar a construção do Theatro Dom Pedro, inaugurado em 1933.

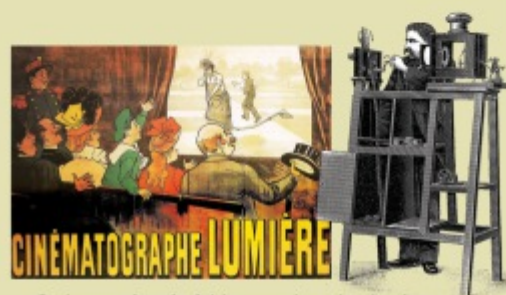
Idealizado por Giovanni D'Angelo e concebido desde o início para ser utilizado como um teatro, o prédio, desde a sua abertura, também fez parte de uma nova tendência que marcou época e se transformou em febre no mundo do entretenimento: a introdução de telas do cinematógrafo em salas de espetáculo!



Theatro Dom Pedro, localizado no Centro de Petrópolis. Fotografia de Rodolpho Haack. 1933. Acervo Museu Imperial.

Saiba mais

A invenção do cinematógrafo pode ser considerada o marco inicial da história do cinema. O aparelho, ancestral das filmadoras, foi criado em 1895 e substituiu a ação de diversas máquinas fotográficas para registrar imagens e transmitir sensação de movimento. O nome do aparelho seria ainda usado para fazer referência também aos locais onde essas imagens seriam exibidas. O termo reduzido "cinema" é usado até os dias atuais, tanto para designar as salas de exibição, como também a arte de produzir os filmes.



O cinematógrafo foi inventado pelos irmãos Lumière na França, em 1895.

Com a ajuda de um consultor italiano, Roberto Caburi, o edifício ganhou decoração típica de teatros, inspirada em álbuns italianos e executada por Carlos Schaefer, um artista petropolitano formado em desenho e pintura na Alemanha. Especialista em acústica, Caburi foi responsável ainda por garantir que o teatro possuísse todas as

características necessárias para comportar os mais variados espetáculos, inclusive óperas e operetas. A ele também é atribuído o sistema de iluminação, através do qual era possível aumentar ou diminuir a luz ambiente do espaço conforme a necessidade do uso.

Além do teatro, os irmãos foram proprietários da Casa D'Angelo. Inaugurada em 24 de dezembro de 1914, a casa teve seu início a partir da confeitaria do português Valentim Aguiar. Sem herdeiros que pudessem dar continuidade ao seu negócio, lembrou-se dos 5 irmãos italianos que chegaram ao Brasil por volta dos 13 anos e vendeu-lhes o estabelecimento. Com mais de 100 anos de funcionamento, a casa transformou-se em um dos comércios mais tradicionais de Petrópolis, sendo responsável mais tarde pela produção dos famosos caramelos D'Angelo. Até hoje, o dia 24 de dezembro permanece como o dia de maior movimento no espaço!



Antigo prédio da Casa D'Angelo, localizada na esquina da Praça Dom Pedro com a Rua do Imperador. Acervo Museu Imperial.

Muitos projetos contaram com a ajuda de italianos talentosos para a sua execução. Cristóforo Bonini foi o arquiteto responsável pelo frontispício do Palácio Imperial de Petrópolis e, juntamente com Koeler, pelas pontes da Estrada Normal da Serra da Estrela. Luís Berrini, concessionário da Estrada de Ferro Príncipe do Grão Pará, contribuiu com a obra do barão de Mauá, construindo o trecho de estrada de ferro que ligava a Raiz da Serra ao Alto da Serra.

Silvio Pazzaglia, artista de grande valor, executou o frontispício da Câmara Municipal, incluindo as cúpulas e também o chafariz com a figura da águia e da serpente, localizado na Praça Mauá. Trabalhou ainda nos ornamentos em bronze da Vila Itararé. No campo da educação, o padre Carlos Caleri se destacou como professor e diretor da Escola Apostólica São Vicente de Paulo, além de atuar como capelão do Colégio Santa Isabel.

Outras famílias italianas participaram do desenvolvimento de Petrópolis em várias áreas. Dentre elas, podemos citar os Bacherini, Barillo, De Carolis, Falconi, Gratacós, Libonatti, Marchese, Mora, Pellegrini, Rossi, Rovigatti, Salvini e Schettini.

Pense e reflita

Os italianos possuem muito orgulho do fato de que, entre as famílias que vieram para Petrópolis, nunca se soube de descendentes que tivessem se tornado bandidos, ladrões ou assassinos. Isso demonstra a grande preocupação que havia, na época, com valores morais e o caráter de cada indivíduo. Em nossa sociedade atual, esses valores ainda são observados com bastante frequência?



Passatempo

Muitos imigrantes italianos deram um formato especial à nossa cultura. Divirta-se com a brincadeira dos 7 erros inspirada nesse povo que muito contribuiu para a formação de Petrópolis.



E qual teria sido a participação do povo francês na formação de Petrópolis?

Poucos foram os franceses que vieram para Petrópolis, o que não diminui, contudo, sua importância no desenvolvimento de nossa cidade. Em 1846, segundo relatório da província, havia apenas 15 franceses em nossas terras! Você imagina o motivo?

Nessa época, havia na França uma punição para cidadãos que aceitassem empregos fora do país. Além de perder os bens, os franceses corriam o risco de perder a cidadania ou até mesmo receber pena de morte!

Aqueles que conseguiram vir para Petrópolis formaram o Quarteirão Francês, espaço entre as atuais ruas Treze de Maio e Fonseca Ramos, e deixaram contribuições muito importantes em diversas áreas. Na educação, já na primeira metade do século XIX, houve uma instituição de ensino bastante conhecida, dirigida por Jenny Diemer: a Casa de Educação de Meninas, localizada na Rua Joinville [atual Av. Ipiranga]. Madame Diemer, além de dirigir a escola, também dava aulas particulares de desenho e bordado para a princesa Isabel.

No comércio, já na década de 1850, existiam dois açougues de proprietários franceses: o de Jacques Chevalier e o do senhor Vernescout.

Entre aqueles que se destacaram na saúde está o dr. Napoleão Thouzet. O médico francês atuou no combate à

epidemia de cólera que ocorreu em Petrópolis no ano de 1855. Na época, o presidente da província chegou a oferecer uma gratificação pela prestação dos serviços, mas Thouzet recusou-a, pois via seu trabalho como uma forma de retribuição à hospitalidade que afirmou ter recebido quando veio para o Brasil. Criou ainda, em 1862, a primeira casa de saúde do município e, também nela, praticava auxílio aos mais necessitados, oferecendo preços mais acessíveis.

Também na área da saúde, Antoine Court fundou, em 1872, o Imperial Estabelecimento das Duchas. O estabelecimento hidroterápico foi um empreendimento pioneiro na cidade e possibilitou aos veranistas um conforto que só possuíam no Rio de Janeiro. Além disso, o espaço, muito frequentado por d. Pedro II, foi o início das saunas, banhos de vapor e massagens que surgiram anos mais tarde.



Trecho da Av. Piabanha no qual se vê a Casa de Banhos das Duchas. 1875. Acervo Museu Imperial.

Outro nome que se destacou foi o do padre Nicolau Germain, vigário da Paróquia de São Pedro de Alcântara, que promoveu a criação do Colégio Santa Isabel na década de 1870. As irmãs de caridade de São Vicente de Paulo, congregação de origem francesa, atuam até hoje nessa instituição. Já os padres da Congregação de São Vicente, com a colaboração dos padres Eugênio Tournier e João Dumolard, desenvolveram o Seminário e Escola Apostólica São Vicente de Paulo, na Westfália, atual Rua Barão do Rio Branco.



Vista tirada do morro da Rua Marechal Deodoro, mostrando os fundos do Colégio Santa Isabel. Fotografia de Kopke Jr. 1902. Acervo Museu Imperial.

Alguns franceses também foram responsáveis pela criação de hotéis. Os Olive inauguraram o Hotel Francês e o casal Charbonnier, o famoso Hotel Bragança, ambos na Rua do Imperador. O Hotel Bragança, de tão famoso, recebia até mesmo a família imperial para assistir a concertos, teatros ou participar de seus animados bailes, junto com o corpo diplomático e toda a sociedade de verão! Foi também no Hotel Bragança, por iniciativa de um italiano já conhecido, Edoardo Capitani, que funcionou o Cinema Bragança.



Hotel Bragança e Hotel Império, inaugurados no ano de 1848, na Rua do Imperador. O Hotel Império depois passou a se chamar Hotel Francês e, mais tarde, fez fusão com o vizinho, que passou a chamar-se Grande Hotel Bragança. O hotel funcionou até o ano de 1926, quando foi demolido e no terreno aberta, posteriormente, a Rua Doutor Alencar Lima. Impresso reproduzindo pintura de Hagedorn. Cerca de 1860. Acervo Museu Imperial.

Curiosidade

O doutor Tomás Charbonnier adquiriu prazos de terra na Rua do Imperador, onde construiu um prédio de dois andares que pretendia transformar em clínica ou sanatório. Logo depois, ficou cego! Sua esposa decidiu então utilizar o imóvel como hotel, o que trouxe bastante prosperidade para a família. Após o falecimento de Tomás, a viúva manteve o hotel e acabou comprando o prédio vizinho, onde funcionava o Hotel Francês, ampliando ainda mais seu negócio!

Em 1888, chegaram ao Rio de Janeiro as irmãs da congregação Notre Dame de Sion. Devido à febre amarela, em 1889, decidiram vir para Petrópolis com a ideia de abrir um colégio que funcionaria alguns meses no Rio e outros em Petrópolis. Assim, surge outra grande contribuição francesa para a formação de nossa cidade: o Colégio Notre Dame de Sion. Em 1892, o colégio passou a funcionar definitivamente em nossa cidade, primeiramente no Palácio Imperial e depois em edifício próprio (prédio da atual Universidade Católica de Petrópolis, à Rua Benjamin Constant).

Não são poucas as senhoras que foram alunas dessa instituição e ficaram conhecidas como *enfants de Sion*. Além da primorosa educação, aprendiam ainda a falar o francês fluentemente, trazendo ainda mais dessa cultura para Petrópolis. Até os dias de hoje, podemos encontrar ex-alunas com muitas memórias do tempo que estudaram no Sion.

Não podemos nos esquecer do floricultor Jean Baptiste Binot!

Fundador da Chácara Binot, este notável francês chegou a Petrópolis em 1847. Apaixonado pela região, dizia que pouca gente conhecia bem estas terras. Admirava muito as qualidades climáticas de Petrópolis e de seu solo. Foi ele o responsável pelo projeto do parque do Palácio Imperial de Petrópolis, executado em 1854.

Em 1861, sua chácara possuía espécies vegetais de várias partes da Europa, incluindo árvores frutíferas e ainda um grande número de plantas em estufas. Em 1889, seu filho, Pedro Marie Binot, enviou palmeiras e samambaias para uma exposição em Paris e ganhou medalha de ouro por suas plantas. Outros herdeiros também seguiram no ramo e, já no século XX, o Orquidário Binot era uma tradição de belas plantas representativas de nossa cidade.



Jean Baptiste Binot. Acervo Museu Imperial.



Vista da Chácara Binot, que atualmente é o bairro do Retiro. Fotografia de G. Leuzinguer. 1867. Acervo Museu Imperial.



Também no século XX, havia na Av. XV de Novembro (atual Rua do Imperador) a Casa Duriez. Conhecida como a “Loja dos Franceses”, de propriedade do comerciante Henrique Duriez, nela podia-se encontrar manteiga fresca enrolada em folha de bananeira, queijos, creme de leite, petiscos produzidos pela família Duriez, além de conservas e louças de barro.

Há ainda diversos nomes que contribuíram bastante para o desenvolvimento de Petrópolis: Charles Rivière e Pierre Taulois, no ramo de engenharia, com a construção da Estrada da Serra da Estrela e a elaboração da Carta Topográfica da região; Eugène Bataillard, com suas hortaliças, morangos, uvas e produção de vinho; madames Geslin, Cramer, Zoé Taulois e Emile Jacob, na educação; Henrique Gonot, pioneiro na produção artesanal de cerâmica pintada; Antônio João Morin, major da Guarda Nacional que deu nome ao bairro de mesmo nome, entre muitos outros.

Em Petrópolis, os franceses marcaram presença pelos seus hábitos de vida, sua cultura e, principalmente, por suas boas maneiras e civilidade. Eram pintores, alfaiates, modistas, hoteleiros, padeiros, confeitores, cozinheiros...

Possuíam as mais variadas ocupações! Se não se destacaram tanto pelo número de imigrantes que vieram para essa região, tornaram-se referência por seus atributos profissionais e qualidades pessoais.



Saiba mais

Quem nunca ouviu falar no Parque Crémérie? O belo espaço de lazer possui, atualmente, quadras de esportes, piscina, lago com pedalinhos e grande área verde. Mas será que ele foi criado com essa finalidade? *Crémérie*, palavra de origem francesa, significa local onde são vendidos queijos, leite e nata. Em 1875, Jules Buisson fundou a Crémérie Buisson, fábrica de queijos cujos produtos eram nacionalmente conhecidos por sua excelente qualidade. Posteriormente, o espaço, adquirido pela família Sixel, funcionou ainda como um hotel antes de transformar-se na área pública que conhecemos hoje.



Vista de parte do lago do Parque Crémérie Buisson. Acervo Museu Imperial.

Um outro grupo que contribuiu para o desenvolvimento e a formação étnica de Petrópolis, mas que podemos classificar como “imigrantes” forçados a vir para o Brasil, são os africanos, que foram trazidos de suas terras e aqui submetidos ao trabalho escravo.

Ainda no início do século XVIII, na região na qual se formaria Petrópolis, os interessados em receber terras cedidas pelo governo português (sesmarias) deveriam possuir um bom número de escravos para lidar com a terra e povoar o território.

Dessa forma, em 1736, segundo pesquisas feitas nos arquivos da Igreja Católica, o número da população negra era superior ao da branca nessa região. Os registros de nascimento (batismo), casamento e falecimento de escravos forneceram informações sobre o uso do negro como mão de obra escrava no território petropolitano daquela época. Esses registros dos arquivos, muito ricos para os pesquisadores, comprovam a participação social e econômica dos negros nas terras que formariam Petrópolis.



Você sabia...

Que as primeiras famílias africanas a viver em Petrópolis eram de Angola, país localizado na costa ocidental da África? Os angolanos contribuíram nas áreas da cultura e economia na nossa região, desenvolvendo atividades de dança, música, religião e culinária.



Outra observação que podemos fazer em relação aos escravos que para cá vieram, é a transmissão e imposição da cultura dos brancos e, principalmente, da religião cristã aos negros. As pequenas capelas locais influenciaram na formação religiosa das pessoas negras que habitaram e povoaram o território petropolitano.

Curiosidade

O primeiro batizado realizado na futura Petrópolis foi o da mulata Jacinta, realizado em 26 de outubro de 1734, na Capela de Nossa Senhora da Conceição das Pedras, em Araras.

Os documentos das igrejas relacionados a casamentos e batizados de africanos escravos ou libertos nas várias fazendas da região naquela época são diversos, o que contribui para os historiadores entenderem a presença dos africanos e seus descendentes na região de Petrópolis.

O trabalho realizado pelos escravos africanos na abertura, conservação e melhoria do Caminho Novo foi muito importante para o desenvolvimento local. Também trabalhavam na agricultura e como artífices, destacando-se na produção de ferraduras para animais de montaria e carga.



Negros trabalhando na colheita de café da Fazenda Sant'Anna, que ficava localizada no Vale das Videiras. Acervo Museu Imperial.

Fique por dentro

Mais de 400 escravos de ambos os sexos e todas as idades trabalhavam na Fazenda do Padre Correia, uma das mais prósperas da região. Na fazenda, havia plantação de frutas – principal produto de comércio da propriedade com a Corte no Rio de Janeiro – e também a fabricação artesanal de ferraduras.



Com a fundação de Petrópolis, africanos escravos e libertos trabalharam na Estrada Normal da Serra da Estrela ao lado de imigrantes franceses, portugueses e germânicos. Também trabalharam nas obras de construção do Palácio Imperial e em outras obras públicas da povoação. Eram cavouqueiros que aprontavam pedras para o alicerce de ranchos e do palácio, pedreiros que cuidavam de construir os alicerces do palácio, carpinteiros que se ocupavam de fazer ranchos, portas e outras necessidades das obras, pedreiros, carroceiros e falquejadores que tratavam de cortar as madeiras para os ranchos.

A mão de obra escrava era ainda utilizada nos serviços domésticos, em algumas pequenas indústrias, em alguns serviços em hospitais ou casas de saúde, além do trabalho em roças.

Passatempo

Com a chegada dos colonos germânicos e outros imigrantes, foram dados os primeiros passos para urbanizar Petrópolis. Naquela época, havia certas profissões que dificilmente vemos nos dias de hoje. Será que você reconhece algumas delas? Identifique as profissões através das nossas dicas.

São profissionais que desenhavam, cortam e costuram roupas sob medida.



Pessoa que criava e consertava objetos de ferro ou aço, como os destinados aos trabalhos agrícolas e as ferraduras para cavalos.



Este profissional escavava e removia pedras em minas e na construção de estradas.



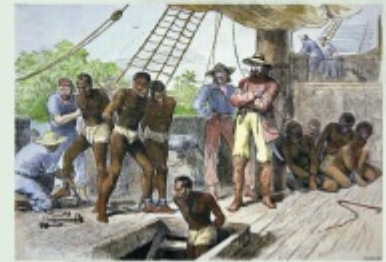
Confeccionavam objetos de couro e, principalmente, selas para cavalaria.



Profissional que moldava a madeira para construções.



A vinda de escravos africanos para Petrópolis após a sua fundação foi facilitada pelo fato de haver uma casa comercial na Rua do Imperador que se encarregava de comprar e vender escravos. Mas como havia africanos que se revoltavam contra a escravidão, quilombos foram criados por aqueles que fugiam de seus donos, alguns bem antes da fundação de Petrópolis. Assim, formaram-se em Petrópolis o Quilombo da Vargem Grande (subdividido entre Quilombo da Direita e Quilombo da Esquerda), em 1820, aproximadamente; o Quilombo de Manoel Congo (nas imediações do Vale das Videiras); o Quilombo da Tapera (na Estrada de Teresópolis, em Itaipava) e o Quilombo de Petrópolis (localização indeterminada). Na área do atual Palácio de Cristal, também foram encontrados vestígios de um grande quilombo.



Embarque de africanos em um navio negroiro.

O Quilombo de Petrópolis abrigava escravos fugidos que contavam com a ajuda de intelectuais, aristocratas, pessoas da elite local, hoteleiros e até da princesa Isabel. No dia 4 de maio de 1888, temos notícias que almoçaram no Palácio Imperial 14 africanos fugidos das fazendas próximas de Petrópolis. Todo o esquema de promoção de fugas e alojamento de escravos foi montado pela própria princesa.

Saiba mais...



Os escravos fugiram das fazendas entre os séculos XVI e XIX, e se abrigaram nos quilombos para se defender da escravidão e resgatar a cultura africana e os laços de família perdidos com a escravização. Neles, existiam manifestações religiosas e lúdicas, como a música e a dança. O mais famoso deles na história do Brasil foi o de Palmares. Os habitantes dos quilombos são chamados de "quilombolas" e, atualmente, as comunidades quilombolas passam por um processo de reconhecimento legal de sua existência por parte dos governos nacionais e das organizações internacionais.

O mais ilustre representante de descendentes de africanos em Petrópolis foi André Rebouças. Aluno do Colégio Kopke, um dos melhores de Petrópolis daquela época, chegou a ser arguido por d. Pedro II. Ao reconhecer a inteligência de Rebouças, o imperador o premiou com uma bolsa de estudos na França, onde se formou em engenharia. Mais tarde, como abolicionista, colaborou com os planos de acolher escravos fugidos em Petrópolis.

Quem é?

André Pinto Rebouças, como engenheiro, dirigiu importantes obras públicas, entre as quais a construção das docas do Rio de Janeiro, Recife e Salvador. Assessorou também os primeiros empreendimentos ferroviários nacionais nas estradas de ferro de Petrópolis e de Paranaguá, no Paraná. Foi também professor particular dos filhos da princesa Isabel.

Na década de 1880, André Rebouças se engajou na campanha abolicionista e ajudou a criar a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, ao lado de Joaquim Nabuco, José do Patrocínio e outros.



André Pinto Rebouças. Impresso do livro *Bahianos Ilustres*. Salvador, 1949. Acervo Museu Imperial.

Uma atividade que era comum entre as africanas e suas descendentes nos sítios, fazendas e demais propriedades de quem possuísse escravos era a de “ama de leite” e babá. As amas amamentavam os filhos das senhoras da casa quando estas não tinham leite e cuidavam deles como babá.



Outra atividade das negras africanas era a culinária. Na Petrópolis da época do Império, uma delas, chamada Maria Sofia, ganhou fama internacional ao fazer quitutes deliciosos para diplomatas estrangeiros.

Era um costume “piedoso” os proprietários de escravos darem a liberdade àqueles que eram mais fiéis. Isso ocorria através de testamentos e registros de alforria. Assim, o padre Luís Gonçalves Dias Correia, proprietário da Fazenda Samambaia e primeiro vigário da Paróquia de São Pedro de Alcântara de Petrópolis, em testamento feito em 1844, manifestou:

“Dei liberdade aos meus escravos Guido e à sua mulher Lucinda, pretos africanos, igualmente a seu filho Abraão, e também a Emerenciana e a Getúlio, de cuja liberdade plena só poderão gozar depois de minha morte”.

Pense e reflita...

O que você achou da atitude do padre Luís Correia? Ele agiu de fato com piedade dando a liberdade para seus escravos apenas depois da sua morte?

Curiosidade

Os negros africanos, chegados ao Brasil, escolheram três santos católicos para devoção: Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. Em Petrópolis, antigos escravos conseguiram reunir recursos de esmolas e construíram uma capela em devoção a Nossa Senhora do Rosário, podendo, dessa forma, frequentar a igreja, o que não era permitido nas outras igrejas católicas da cidade, frequentadas apenas por brancos. A capela foi inaugurada em 3 de maio de 1883 e funcionou até 1958, quando ocorreu a inauguração parcial da nova igreja de Nossa Senhora do Rosário.



Fachada da antiga capela de Nossa Senhora do Rosário, no centro de Petrópolis. Acervo Museu Imperial.

O fim do trabalho escravo em Petrópolis se deu no dia 1º de abril de 1888, na Festa da Liberdade, presidida pela princesa Isabel no Palácio de Cristal. Neste evento, que contou com a presença de muitas pessoas, foram entregues aos 101 escravos da cidade as suas cartas de alforria. Para que se conseguisse a libertação de todos, foi feita uma campanha de levantamento de fundos para a compra da liberdade desses escravos, liderada pela própria princesa Isabel.

Após este ato público de libertação dos últimos escravos petropolitanos, formaram-se comunidades negras em terras públicas, como foi o caso de Carangola, Caxambu, Quissamã e Quitandinha, que ainda hoje mantêm as mesmas denominações e se constituem em bairros com significativa quantidade de negros.

A imigração de um povo muito disciplinado e trabalhador teve sua história iniciada (quem diria?) em Petrópolis. Estamos falando dos japoneses!

Em 1897, nossa cidade recebeu a primeira delegação diplomática japonesa no país. Daqui, foi enviado ao Japão um relatório favorável à imigração japonesa para o Brasil, viabilizando a vinda dos japoneses para terras brasileiras.

Em 23 de agosto de 1897, o ministro Sutemi Chinda assumiu a delegação japonesa em Petrópolis e em setembro Henrique Carlos Ribeiro Barbosa tomou posse na Legação Brasileira em Tóquio.

Muitos foram os motivos que levaram Petrópolis a ser escolhida como local para a instalação da delegação japonesa. A proximidade da capital, Rio de Janeiro; a facilidade de transporte através da antiga linha ferroviária Rio – Petrópolis; a baixa incidência de doenças; o clima ameno e agradável da cidade... Na verdade, Petrópolis encantou as autoridades japonesas que aqui chegaram em 1897, levando-os a concluir que valia a pena a imigração de seu povo para o Brasil.

Contudo, a chegada da primeira família japonesa em Petrópolis aconteceu apenas no ano de 1913 com os Fukuda. Após a chegada da família Fukuda, em 1932 vieram as famílias Yamamoto e Akiba. Pioneiros no comércio de hortaliças no município, essas famílias, migradas do Amazonas devido à grande dificuldade da região, decidiram viver em Petrópolis dedicando-se à agricultura. Com o passar do tempo, através de contatos do senhor Fukuda, seis outras famílias japonesas chegaram a Petrópolis, fixando residência na cidade. Em 1940, muitas outras famílias japonesas migraram para nossa cidade, buscando uma saída para os problemas causados pela II Guerra Mundial e pelas doenças que atingiam os grandes centros urbanos do país.



Festival da Cultura Japonesa Bunka-Sai realizado no Museu Imperial. Fotografia de Isabela Verleun. 2010. Acervo Museu Imperial.

Com a compra da ATA – Combustão Técnica S. A. pela Mitsubishi, em 1973, diversos japoneses mudaram-se para Petrópolis em busca de trabalho nesta companhia. Esse acontecimento refletiu na imigração japonesa em nossa cidade, diversificando a colonização em Petrópolis.

Desde 2009, realiza-se em Petrópolis o Festival da Cultura Japonesa Bunka-Sai, criado em comemoração aos 100 anos da imigração japonesa no Brasil. O evento compartilha com os petropolitanos aspectos admiráveis da cultura do povo japonês.

Curiosidade

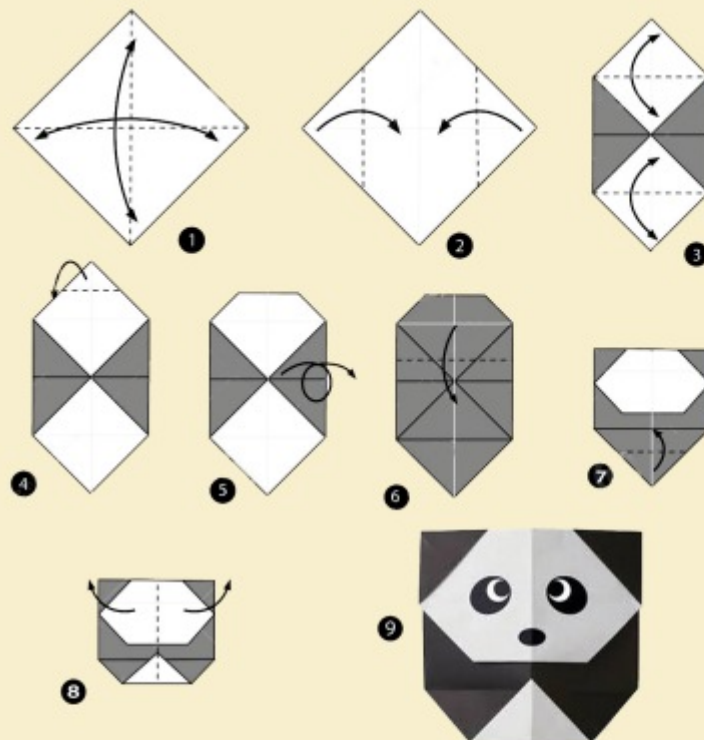
Em 1995, foram enviadas a Petrópolis 300 mudas de cerejeiras por parte do Consulado Geral do Japão no Rio de Janeiro e por algumas associações responsáveis pelas comemorações dos 100 anos do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre Brasil e Japão. As mudas foram plantadas ao redor do Museu Imperial, do Palácio Rio Negro e do Palácio Quitandinha. No Japão, as cerejeiras permanecem floridas por menos de uma semana, levando-se a pensar no quanto a vida é curta e frágil. Uma das tradições japonesas é o *Hanami*, ato de contemplar as cerejeiras e que costuma ter dança, canto e piqueniques embaixo das árvores.



Passatempo

O *origami*, palavra que provém do japonês e significa “arte de dobrar o papel”, é uma arte muito antiga, criada pelos membros da Corte Imperial do Japão. Ela era considerada um entretenimento, mas, ao longo da história, ao se tornar acessível à massa, foi convertida em arte popular.

Siga as instruções e experimente fazer um panda utilizando a arte do *origami*.



Petrópolis também contou em sua formação com dois outros grupos de imigrantes que muito contribuíram para o seu desenvolvimento, sobretudo na área do comércio: os sírios e os libaneses.

Na segunda metade do século XIX, um libanês chamado Said Ali foi um dos primeiros da sua terra a vir para Petrópolis. Abriu um bom hotel na atual Rua Sete de Abril, o Hotel Oriental, que ficou conhecido por hospedar casais em lua de mel e, também, por ter hospedado pessoas ilustres, como o arquiduque Maximiliano da Áustria, primo de d. Pedro II. O libanês, como bom comerciante, costumava divulgar, em vários idiomas, que no hotel, aos domingos, havia excelentes empadinhas de galinha e de palmito com camarão desde as 6 horas da manhã, assim como pão de ló, pudins, tortas, presuntos e folheadas de manteiga fresca. Isso sem falar na superior geleia de marmelo por ele mesmo fabricada e que era ótima para dar às pessoas que sofriam do “peito”.

Em 1886, tem-se notícia que havia na cidade dois comerciantes ambulantes – Fares e Youssef – que aqui ficaram por três anos. Eles eram muito conhecidos, mas foram para o Rio de Janeiro com o fim da Monarquia no país.





Fachada do Hotel Oriental, que ficava localizado na Rua Sete de Abril. Acervo Museu Imperial.

O libanês Pedro Firjan também chegou a Petrópolis ainda no século XIX, em 1887, para trabalhar como mascate (vendedor ambulante). Permaneceu dois anos na cidade, fazendo bastante sucesso e juntando uma boa quantia em dinheiro. Voltou para sua terra natal e retornou em 1902, quando abriu um armarinho na Rua 14 de Julho (atual Rua Washington Luís), no Centro de Petrópolis. No ano seguinte, em 1903, conseguiu trazer do Líbano toda sua família.

A partir do final do século XIX, a imigração de famílias sírias e libanesas para o Brasil e para Petrópolis aumentou bastante. Em nossa cidade, houve um visível progresso no setor comercial com a chegada desses imigrantes. Lojas comerciais foram sendo abertas, impulsionando com isso o desenvolvimento econômico local.

Na memória da cidade são lembrados, até hoje, nomes de estabelecimentos comerciais e de fábricas que foram fundados por esse povo que se adaptou muito bem às terras petropolitanas, chegando a traduzir seus nomes para o português em uma clara intenção de permanecer no país.

Entre as casas comerciais dos sírios e libaneses do passado podemos lembrar da Casa das Armas, aberta em 1902, na Av. 15 de Novembro (atual Rua do Imperador), por Antônio José Francisco, que transformou-se na loja de tecidos Bazar América décadas depois; da Casa Pedro Jorge e da São José de Fazendas, administradas por Jorge Pedro; da Casa Antoun, fundada em 1905 e gerenciada por Youssef Antoun, um dos antigos diretores da Associação Comercial de Petrópolis; e da floricultura e da Chácara Oriental da família Mitri Dib (Lobo).

Curiosidade

Com suas belas plantas e flores, o sírio Felipe Lobo participava das exposições de flores e frutos promovidas pela Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado do Rio. Foi premiado com a medalha de ouro nos anos de 1952, 1953, 1956 e 1957, com a medalha de prata em 1954 e 1955, e com a de bronze em 1958.



Outros libaneses e sírios chegaram a Petrópolis nas primeiras décadas do século XX, movimentando ainda mais a vida econômica e social da cidade. O libanês Salim Jorge Nassar, por exemplo, estabeleceu-se em Petrópolis em 1912, quando abriu seu primeiro armário na cidade, na Rua Floriano Peixoto. Nesse mesmo ano, Eusébio Nassif inaugurou a Casa do Galo, loja de tecidos e armário. Em 1940, Nassif adquiriu a loja de louças e ferragens A Sentinela, localizada na Praça da Inconfidência, no Centro da cidade, e para lá transferiu a Casa Galo. Em 1955, reinstalou a loja A Sentinela na Rua do Imperador, onde funcionou até poucos anos atrás.

Uma família libanesa que marcou presença no comércio de Petrópolis, a partir da década de 1930, foi a Cury. Abriu negócios, como a fábrica de bebidas Cedro do Líbano, no Valparaíso; as lojas A Matriz, Casa Cury e Feira Livre, na Rua do Imperador, e Parque Real, na Rua 16 de Março.

Alexandre, Afife e Tito Fiani também tiveram presença marcante no comércio petropolitano. Administraram as lojas Casanova, Casa Xavier e Feira Livre (antes de pertencer à família Cury), esta última a maior loja de tecidos e armário da cidade na década de 1950.

No ramo da indústria, Ibrahim Kahir abriu uma fábrica de sedas e a família Salomoni fundou, em 1943, a "Excelsa", fábrica que produzia tecidos finos, especiais para decorações luxuosas.

Em 1953, as famílias sírias e libanesas passaram a ter um clube para seus eventos sociais. A ideia partiu de um grupo de sírios e libaneses que se reuniam nos bares próximos à antiga rodoviária da cidade e que acabaram por fundar o Clube Monte Líbano, tornando-se seu presidente, à época, Tufic Abi Daud.

Além das famílias mencionadas, outras de origem libanesa e síria vieram para Petrópolis, a maioria tornando-se parte da sociedade comercial da cidade. Assim, lembramos de nomes como Tufic, Assad e Elias Abi Daud; Pedro Firjan; José, Saul, Jorge e Edmond Latuf; José Jorge Abichedid; Nagib Gabriel McAuchar; Nahim, Saydé e Georges Haddad; Nagib, José Miguel e Amim Salomão; Alfredo e Miguel Pachá; Saba Bailune; Hanna Mussi; Miguel Geigi; Miguel Neffer; José Urdan; família Charif; Miguel Somenson; Salim Farah; família Chehab; família Daher; Abdo e Armaide El-Karin; família Zarzur; família Mohamed Murad; Eduardo, Antônio e José Simão, entre outros.

E os ingleses, que contribuição teriam dado para a formação da nossa cidade?

Bem antes da fundação de Petrópolis, em 1809, muitos estrangeiros viajaram para o Brasil em busca de conhecer e explorar seu território. O primeiro desses viajantes a passar pelo local da Fazenda do Córrego Seco foi um inglês chamado John Mawe, que escreveu um livro sobre suas aventuras. Em seus escritos, ressaltou a beleza e a dificuldade para subir a serra, dizendo que a pequena aldeia do Córrego Seco ficava em terreno muito acidentado e sem qualquer planície.



Fachada da Casa Xavier que ficava na Av. Quinze de Novembro (atual Rua do Imperador). A Casa Xavier pertencia a João Xavier e foi a primeira loja de modas nos moldes dos grandes estabelecimentos cariocas que existiu em Petrópolis. Acervo Museu Imperial.



Já fundada a Imperial Colônia, os ingleses se ocuparam de movimentar a cidade. Eram eles, os principais responsáveis pelo turismo local, cuidando do transporte dos visitantes desde o Porto da Estrela até o Alto da Serra e também de sua estadia. Um dos primeiros hotéis criados foi o Hotel Inglês, de Henry Hine Carpenter, que ficava na atual Rua Paulo Barbosa. Inaugurado em 1º de setembro de 1849, era o preferido dos nobres que acompanhavam a família imperial.



Vista do Hotel Inglês, localizado na atual Rua Paulo Barbosa. Veem-se, ao centro, o barracão em que mais tarde foi construída a estação de Petrópolis, onde hoje se encontra o terminal rodoviário de integração Imperatriz Leopoldina e o início da atual Rua Santos Dumont. 1860. Acervo Museu Imperial.

Houve ainda outro Hotel Inglês, fundado por Harold James Mills após ter comprado o Hotel MacDowal, que ficava na antiga casa da Fazenda do Córrego Seco. Mais tarde, este hotel foi transformado na Pensão Macedo e, posteriormente, na Pensão Geoffroy.

Já a família Land, que explorava a Empresa de Diligências da Serra, era responsável pelo transporte de pessoas e mercadorias serra acima e também pela hospedagem de grande parte desses turistas em seus magníficos hotéis que ficavam no Quarteirão Inglês, hoje Independência. Muito famoso também foi o Hotel Grão Pará, conhecido por Hotel Beresford, fundado por Jorge Beresford e localizado na Rua do Imperador.

Curiosidade

O nome da localidade Fazenda Inglesa originou-se, segundo a tradição, do sítio de propriedade de um português, que se gabava de ser formado na Inglaterra, e que, por esse motivo, o povo chamava de Fazenda do Inglês.



Os suíços também tiveram sua participação na formação de Petrópolis.

Gabriel Chiffelle foi dono de um dos mais importantes hotéis da cidade, o Hotel Suíço, que ficava situado à Rua do Imperador, nas imediações de onde hoje está o prédio dos Correios e Telégrafos.



Vista do Hotel Suíço. Litografia de Joseph Alfred Martinet. Acervo Museu Imperial.

Já no ramo de relojoarias tinha destaque a Relojoaria e Ourivesaria Suíça, de Otto Jerke, fundada em 1912 e situada na Rua Dr. Porciúncula. Otto instalou sobre a fachada de sua loja um grande relógio luminoso de duas faces. Tinha a fama de ser o mais correto da cidade, chegando a marcar a hora de saída dos transportes coletivos. Em 1984, seu estado era precário e foi reformado.



Rua Dr. Porciúncula, vendo-se, à esquerda, a Estação da Leopoldina e, à direita, o comércio local, destacando-se a entrada da Relojoaria e Ourivesaria Suíça e o relógio sobre sua fachada. Acervo Museu Imperial.

As casas de Petrópolis se embelezaram com a vinda dos suíços. Hans Dürig, por exemplo, veio trabalhar na Chácara Flora e depois abriu uma floricultura no Quissamã. Cultivava belos jardins e plantas especiais.

Passatempo

Descubra e marque as bandeiras dos países que contribuíram para a formação da cidade de Petrópolis.
Boa pesquisa!



A partir da primeira década do século XX, iniciou-se a chegada dos primeiros imigrantes judeus em Petrópolis. Em 1926, têm-se notícias da realização de atividades comunitárias na cidade que contaram com a participação de cerca de uma dezena de famílias: Spector, Rinck, Bekerman, Riwlín, Volchan, Largman, Kneifel, Nussenbaum, entre outras. Apesar de chegarem ao porto do Rio de Janeiro, esses imigrantes – geralmente vindos da Polônia, Rússia e Romênia –, acostumados a climas frios, preferiram se instalar em Petrópolis.



O movimento de imigrantes que vinham da Europa para o Brasil aumentou por volta do término da I Guerra Mundial (1918), época em que muitas indústrias de tecido foram fundadas por imigrantes que chegavam ao país com bom conhecimento técnico e boa experiência industrial. No intervalo entre as guerras e pouco antes da II Guerra Mundial (1939) vieram novos imigrantes, em sua maioria alemães, tchecos e húngaros, que fugiam das perseguições nazistas e fascistas (movimentos políticos existentes na Alemanha e Itália na época).

Nesse grupo de imigrantes, havia pessoas de elevado nível cultural, que tiveram mais possibilidades de refazer suas vidas no Brasil e escolheram viver em Petrópolis. Assim, foram criadas aqui empresas modernas que geravam riqueza e trabalho, como as modernas indústrias de malhas. Um outro setor que se destacou entre os judeus vindos para Petrópolis foi o de lapidação de diamantes, surgido na cidade a partir de 1939, quando um grupo composto por três especialistas vindos da Bélgica montou uma empresa na então Avenida Central (Av. Coronel Albino Siqueira, no Alto da Serra) e chegaram a empregar 500 pessoas. Pouco tempo depois, surgiu outra empresa de lapidação, também com centenas de funcionários.

Até a década de 1930, os filhos desses imigrantes eram alfabetizados em hebraico e em iídiche – dialeto falado pela maioria dos judeus da Europa Oriental. Já as cerimônias religiosas eram realizadas nas próprias casas, pois ainda não havia sinagoga (templo da religião judaica) em Petrópolis.

Depois do final da II Guerra Mundial (1945), a comunidade judaica de Petrópolis, já bastante estruturada, decidiu concretizar a realização de um antigo sonho: a construção de um prédio que abrigasse uma sinagoga,

uma escola e um centro social. O então presidente, Henrique Nussenbaum, doou um terreno, na Rua Aureliano Coutinho, especialmente para este projeto. Assim foi criada, em 1949, a Sinagoga Israelita Brasileira.



Sinagoga Israelita Brasileira, situada à Rua Aureliano Coutinho. Fotografia de G.Milek. 2017. Acervo particular de George Milek.

Passatempo

Os imigrantes trouxeram consigo suas línguas maternas, enriquecendo nosso vocabulário e nossa cultura. Observe a palavra "bem-vindo!" nas diferentes línguas e ligue ao país de origem.

Você perceberá que a palavra é igual em alguns países e que temos muitas coisas em comum com nossos colonizadores. Vamos lá!



Willkommen!

Benevenue!

Bem-vindo!

Bem-vindo!

Ahlan Wa Sahlan!

Bienvenido!

Benevenuti!

Willkommen!

Yokoso!

Welcome!

Líbano

Japão

Cuba

Alemanha

Portugal

Angola

Suíça

Itália

França

Inglaterra

Brinquedos e brincadeiras

Além da culinária, do vocabulário, das festas, dos hábitos e costumes, os imigrantes também enriqueceram nossa cultura com brinquedos e brincadeiras infantis que as crianças brasileiras incluíram em seu dia a dia.

Antigamente, não existiam muitos brinquedos. Se as crianças quisessem se divertir, na maioria das vezes precisavam usar a criatividade. Os pais confeccionavam brinquedos ou ensinavam brincadeiras que passavam de geração em geração. Vindas de vários lugares do mundo, essas brincadeiras possuem diversas origens e hoje fazem parte do folclore brasileiro, marcando a história do nosso país. Vamos conferir algumas delas!



A peteca, brincadeira tão comum entre as crianças, possui origem indígena. Os índios utilizavam uma trouxa de folha cheia de pedras que eram amarradas numa espiga de milho. *Pe'teka*, que em tupi significa "bater", era a forma como os índios a chamavam e brincavam de jogar de um lado para o outro.



A "amarelinha", que tem origem francesa, é um jogo cujo nome da brincadeira não tem nada a ver com a cor amarela. A palavra veio do francês, *marelle*, que, aos ouvidos portugueses, soava como diminutivo de amarelo: amarelinha. A palavra original se referia a um pedaço de madeira ou pedrinha. Esses objetos eram usados no jogo para marcar o progresso do jogador.

Ciranda
Cirandinha
 Vamos todos cirandar
 Vamos dar a meia volta
 Volta e meia vamos dar
 O anel que tu me destes era vidro
 e se quebrou
 O amor que tu me tinhas era
 pouco e se acabou

A famosa cantiga de roda, conhecida em todo o país, teve origem em Portugal, onde era um bailado de adultos. Com a chegada dos colonos portugueses, a famosa ciranda se popularizou, principalmente entre as crianças, tornando-se uma brincadeira famosa no Brasil.



O boliche, jogo milenar trazido pelos alemães para o Brasil e para Petrópolis em meados do século XIX, é um grande sucesso entre as crianças. Considerado o mais democrático dos esportes, é também uma ótima opção para lazer entre amigos e familiares.

Acredita-se que o "jogo da velha" tenha como origem o Egito, há mais de 3.500 anos. Porém, quem popularizou a brincadeira foi a Inglaterra. O nome Jogo da Velha surgiu porque mulheres mais velhas da corte inglesa optavam por se entreter com essa brincadeira, pois já não enxergavam o suficiente para bordar. Logo as crianças se interessaram por esse jogo simples e divertido, que passou a fazer sucesso aqui no Brasil.



Cabo de guerra, uma brincadeira comum entre crianças germânicas, chegou ao Brasil com os imigrantes alemães e logo se tornou parte do cotidiano. A brincadeira é um verdadeiro teste de força e trabalho em equipe para puxar a corda.

Na Europa, os primeiros indícios do jogo de dominó são de meados do século XVIII, quando era jogado nas cortes de Veneza e Nápoles, na Itália. Lá, virou mania entre os padres que, sempre que ganhavam uma partida, diziam: *Domino gratias*, ou seja, "graças a Deus" em latim. Dessa forma, acabaram batizando o jogo, que foi trazido para o Brasil através de imigrantes nobres da corte italiana.



Devido à influência da Corte Real, que se instalou no Rio de Janeiro, o jogo de damas começou a se desenvolver em nosso país. Segundo a Confederação Brasileira de Damas, com a transferência da Corte Real, em 1808, para o Brasil, d. João VI trouxe o primeiro livro de jogo de damas para nosso país. Trata-se do livro de Juan Canalejas, *Libro del Juego de las damas*, publicado em Barcelona, Espanha, em 1650. Este livro encontra-se na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

Nada indica que Jó (personagem bíblico do antigo testamento que possuía uma grande paciência) tivesse escravos e muito menos que jogasse o tal caxangá. Acredita-se que a cultura negra tenha se apropriado da figura de Jó para simbolizar o homem rico da cantiga de roda. Os guerreiros que faziam o *Zigue-zigue-zá* seriam os escravos fugitivos que corriam em ziguezague para despistar o capitão-do-mato. A cultura africana é muito importante na formação do nosso país e muitas são suas influências, inclusive nas brincadeiras que acompanham geração em geração.

Escravos de Jó

Jogavam caxangá



Guerreiros com guerreiros

Fazem zigue-zigue-zá

Os imigrantes de hoje no Brasil

Em 1994, com a criação do Mercado Comum do Sul (Mercosul), união de livre comércio de cinco países da América do Sul (Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela), novamente a imigração em direção ao Brasil se intensificou, devido às pessoas dos países-membros que resolveram tentar a sorte em nosso país. Hoje, além de imigrantes portugueses, italianos, coreanos, chineses e japoneses – cujos descendentes formam o maior contingente fora do Japão –, ainda recebemos chilenos, sírios, bolivianos, colombianos, haitianos e venezuelanos.



Imigrantes haitianos no Acre.



Imigrantes haitianos com seus vistos permanentes.

Os quatro últimos se assemelham em muito com os primeiros imigrantes do século XX. Eles ainda se submetem a subempregos, pois estão fugindo das péssimas condições de seus próprios países, acreditando que aqui poderão ter uma nova vida. Em sua grande maioria, eles esperam o visto para legalizar a situação em solo brasileiro. Ultimamente, venezuelanos vêm em fuga de seu país para o Brasil por causa de complicações políticas, econômicas e humanitárias. A prefeitura de Boa Vista, capital do estado de Roraima e destino da maioria, estima que até fevereiro de 2018 cerca de quarenta mil venezuelanos já tenham atravessado a fronteira com o Brasil em busca de uma vida melhor, o que representa mais de 10% dos cerca de 330.000 habitantes da capital. Mas quem procura abrigo em Roraima, encontra uma situação muito precária.

Nos últimos anos, a quantidade de refugiados em todo o mundo vem crescendo muito. Em 2016, por exemplo, o número superava o da II Guerra Mundial, até então o maior fluxo de refugiados já contabilizado. Esse número já chegou a 65,6 milhões de refugiados, sendo que 55% deles no mundo provêm de quatro países: Síria, Líbia, Afeganistão e Sudão do Sul.

Refleta

Precisamos cada vez mais do compromisso dos países que se mostram com uma postura humanitária para acolher imigrantes e refugiados. Os números no Brasil são muito baixos, se comparados com a dimensão da crise de hoje e com a capacidade que o país tem, com dimensões continentais e uma tradição de acolhida. E você, o que acha da situação dos refugiados no mundo e da postura dos países em relação a esse problema? E o Brasil, o que poderia fazer?

Ao longo dos últimos séculos, nossa cidade recebeu imigrantes de nacionalidades variadas. Com a força do trabalho de todos, em diversas áreas, e com as características culturais de cada um dos povos que para cá vieram, Petrópolis se formou e se desenvolveu.

Na ideia de sua fundação, esteve presente a mentalidade de substituir o trabalho escravo pelo de homens livres. Essa proposta não apenas fundou uma cidade de imigrantes, como também definiu seus espaços, suas características e, especialmente, suas identidades.

Hoje, ao observar os nomes das ruas, praças e bairros/quarteirões da cidade, os sobrenomes de seus moradores, suas festas, costumes, culinária, prédios, percebemos vivamente os verdadeiros protagonistas da herança cultural da cidade, os imigrantes, tendo como grupo de maior expressão os alemães.

Muitas famílias alemãs, portuguesas, italianas, francesas, inglesas, libanesas, entre outras, vieram compor a sociedade petropolitana e, a partir daí, construíram não apenas os lugares de memória da nossa cidade, mas as suas marcas e traços culturais, formando nossa identidade e influenciando, definitivamente, os rumos da história de Petrópolis.



Panorama de Petrópolis. Litografia de Léon Sabátier a partir de fotografia de Victor Frond. Álbum *Brazil Pittoresco*, impresso em Paris, França. 1861. Acervo Museu Imperial.

Algumas datas significativas

JANEIRO

- 1 – Em 1850, os irmãos portugueses, porém com descendência germânica, Guilherme Kopke e Henrique Kopke, inauguraram o Colégio Kopke, a primeira escola secundária em Petrópolis.
- 13 – Nasceu, em 1938, na cidade de Cachoeiras, Bahia, André Rebouças, importante representante de descendentes africanos em Petrópolis.
- 14 – O português Antônio Moreira Tavares é nomeado o 1º delegado de polícia de Petrópolis, em 1859.
- 20 – Em 1896, Frei Ciríaco celebrou a sua primeira Santa Missa na Igreja do Sagrado Coração de Jesus ("A Igreja dos Alemães"), dando, assim, esperança aos velhos colonos e seus descendentes da continuidade das celebrações em alemão.



FEVEREIRO

- 12 – Em 1907, morre em Petrópolis o cubano Bernardo Caymari, idealizador da Companhia Petropolitana de Tecidos.
- 13 – Aquisição, em 1848, da primeira propriedade de Jean Baptiste Binot, criador dos jardins do Palácio Imperial de Petrópolis, localizada no Quarteirão Nassau.
- 21 – Dia Nacional do Imigrante Italiano.

MARÇO

- 3 – Ocorreu o lançamento, em 1857, do jornal *O Mercantil*. Criado pelo imigrante português Bartolomeu Pereira Sudré, foi o primeiro jornal a circular em Petrópolis.
- 16 – Em 1976, foi inaugurada a Casa do Colono, antiga residência da família Kaiser.



ABRIL

- 1 – Em 1888, foi realizada a Festa da Liberdade no Palácio de Cristal, quando ficou estabelecido o fim do trabalho escravo em Petrópolis. O evento foi presidido pela princesa Isabel.
- 19 – A primeira escola de música da Imperial Colônia de Petrópolis, formada por alemães, foi fundada em 1858 e localizava-se na Praça Nassau (atual Praça Oswaldo Cruz, localizada no Centro de Petrópolis).
- 28 – O primeiro navio com imigrantes japoneses, o *Kasato-Maru*, saiu, em 1908, do porto de Kobe, no Japão, com destino ao Brasil. Vieram a bordo 781 imigrantes japoneses e 12 passageiros independentes.



MAIO

- 1 – Em 1840, a Lei Provincial nº 56, autorizou o governo a promover o estabelecimento de colônias agrícolas e a adquirir terras a fim de loteá-las para os colonos.
- 1 – Em 1953, foi instalada a Universidade Católica de Petrópolis, a primeira universidade de Petrópolis. A iniciativa se deu através do então bispo diocesano da cidade, o português Dom Manoel Pedro da Cunha Cintra.
- 8 – Foi fundada, em 1889, a Companhia Dona Isabel, fábrica de tecidos erguida com dinheiro de petropolitanos, muitos deles descendentes de colonos alemães.
- 24 – Fundou-se, em 1863, o primeiro templo luterano da cidade, tendo como primeiro pastor evangélico luterano o alemão Julius Frederich Lippold.

JUNHO

- 8 – Em 1890, realizou-se o primeiro casamento civil em Petrópolis, sendo os noivos Carlos Guilherme Alberto Eckhardt e Ana Maria Esch.
- 11 – Em 1721, Bernardo Soares de Proença recebeu lotes de terras onde hoje se encontra o Itamarati.
- 13 – Chegou ao Rio de Janeiro, em 1845, o navio *Virginie*, trazendo 161 colonos germânicos.
- 25 – Comemora-se o Dia do Imigrante no Brasil.
- 29 – Chegaram a Petrópolis, em 1845, os colonos germânicos trazidos no navio *Virginie*.



JULHO

1 – Em 1847, Koeler adquiriu a Fazenda Quitandinha, doando-a posteriormente a dom Pedro II para complementar a Imperial Colônia de Petrópolis.

16 – Em 1845, foi nomeado, pela Imperial Fazenda de Petrópolis, o primeiro médico da Colônia, o inglês Guilherme Boedecker.

26 – Firmou-se, em 1843, o contrato de arrendamento da Imperial Fazenda de Petrópolis em nome do major Júlio Frederico Koeler, que ficara obrigado a reservar um terreno suficiente para edificar o Palácio Imperial e outro para uma povoação.

26 – Chegou ao Rio de Janeiro, em 1845, o navio Marie Louise, trazendo a bordo 217 colonos germânicos.



AGOSTO

1 – Petrópolis foi elevada a curato, em 1845. Este nome era usado antigamente para qualificar povoados em condições necessárias para se tornar uma freguesia, ou seja, tornar-se distrito de um município.

17 – Em 1863, foi fundado o clube Coral Concórdia pelos irmãos Gotlieb Stroelle e Friederich Stroelle. Friederich foi o primeiro presidente da agremiação e ocupou o importante cargo por mais de 40 anos, falecendo em 1914.

23 – Em 1897, o ministro Sutemi Chinda assume a delegação japonesa em Petrópolis.

26 – Chegou ao Rio de Janeiro, em 1845, o navio Georg, trazendo 208 colonos germânicos.



SETEMBRO

1 – Em 1845, chegou ao Rio de Janeiro, procedente de Dunquerque, o navio Mary Queen of Scott, trazendo a bordo 210 colonos germânicos.

1 – Foi inaugurado, em 1849, o Hotel Inglês, de propriedade do imigrante inglês Henry Hine Carpenter, que ficava na atual Rua Paulo Barbosa.

19 – Em 1873, foi inaugurada a Companhia Petropolitana de Tecidos, de propriedade do cubano Bernardo Caymari. A fábrica, inicialmente, localizava-se apenas no quarteirão Westfália. Posteriormente, já sob direção de outros proprietários, ampliou suas instalações com a aquisição de um prédio no Cascatinha.

29 – Inaugurou-se, em 1957, o obelisco, construído para comemorar o centenário da elevação de Petrópolis à categoria de cidade. O monumento contém, em cada face, placas de bronze com os nomes das famílias dos colonos germânicos que chegaram a Petrópolis em 1845.



OUTUBRO

8 – Em 1848, a Capela Provisória, erguida à Rua da Imperatriz, foi entregue ao vigário Antônio Weber. Este foi o primeiro templo católico construído na colônia.

19 – Na Praça Koblenz, em 1845, o padre Luis Gonçalves Dias Correia celebrou uma missa para os católicos, enquanto o pastor Frederico Ave-Lallemant pregou um culto aos protestantes.

26 – Foi realizado o primeiro batizado na futura Petrópolis. A cerimônia ocorreu em 1734 na Capela de Nossa Senhora da Conceição das Pedras, em Araras, onde a mulata Jacinta recebeu o batismo.

30 – Em 1876, foi inaugurado o Parque Crémérie, que pertenceu ao imigrante francês Jules Buisson, fabricante de queijos e laticínios famosos por sua qualidade.

NOVEMBRO

1 – Em 1845, foi criada a primeira banda de música dos colonos germânicos: a *Banda Schaefer*, mais tarde conhecida como *Banda dos Gustavos*.

9 – Em 1848, o português Antônio José Correia Lima, tornou-se o primeiro agente dos Correios de Petrópolis.

11 – Inaugurou-se, em 1894, o clube *Harmonie Moselthal*, pelo sr. Carlos Kling. Tempos depois transformou-se na Sociedade Recreativa Harmonia Brasileira.

13 – Em 1837, chegou à Bahia de Guanabara o navio Justine, com 238 passageiros germânicos.



DEZEMBRO

16 – Em 1815, a Carta de Lei redigida por d. João VI, elevou o Brasil à categoria de Reino. Com esta lei, o Brasil deixou de ser colônia de Portugal, reforçando a vinda de imigrantes para viver na nova terra.

16 – Criou-se, em 1853, a Sociedade de Agricultura e Indústria (*Der Deutsche Gewerbe und Landwirtschaftliche Verein in Petrópolis*), composta apenas por alemães e fundada por Julio Anders, Frederico Damke e Carlos Spangenberg.

24 – Inaugurou-se, em 1914, a Casa D'Angelo, restaurante no Centro de Petrópolis pertencente aos irmãos italianos D'Angelo. Até hoje, o estabelecimento celebra essa data com muita alegria e muitos frequentadores.



Referências

- ABAD, Vera. **Petrópolis Cidade Imperial: Nossas Montanhas Nossa Gente Nossa Herança**. Petrópolis: Prazer de Ler, 2009.
- AGUIAR, Mario Noronha. **A cooperação dos portugueses em Petrópolis: coletâneas**. Petrópolis: Vozes, 1940.
- ANGELO, Elis Regina Barbosa. Identidades, festas e espaços dos imigrantes em Petrópolis, RJ, e suas relações com a história do turismo e da cidade. *Rosa dos Ventos*, Caxias do Sul, p.263-279, jun. 2014.
- AULER, Guilherme. Franceses em Petrópolis. *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, 03 ago. 1958.
- AULER, Guilherme Martínez. Povoamento do Córrego Seco. *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, 23 jul. 1994.
- BECKER, Dulce. Figuras Petropolitanoas. *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, 19 abr. 1959.
- BENYOSEF, Luiz. **Imigração e criação das raízes judaicas no Brasil**. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/ztp5/pdf/lewin-9788579820168-14.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2017.
- CARLOS NETO, Marcionilo Euro. A imigração japonesa no estado do Rio de Janeiro: História, colonização e o ensino de japonês. In: SEMINÁRIO DOS ALUNOS DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DO INSTITUTO DE LETRAS DA UFF - ESTUDOS DE LINGUAGEM, 6., 2015, Niterói. *Anais do SAPPIL*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2015. p. 345-353. Disponível em: <<http://www.anaisdosappil.uff.br/index.php/VISAPPIL-Ling>>. Acesso em: 03 nov. 2017.
- CASADEI, Thalita de Oliveira. **Petrópolis: Relatos Históricos**. Petrópolis: Editora Gráfica Jornal da Cidade, 1991.
- CRONOLOGIA de Petrópolis. Petrópolis: Biblioteca/Museu Imperial, 2009. Trabalho inédito.
- CUSATIS, José de. **Imperial Fábrica de Cerveja Nacional - Cia. Cervejaria Bohemia**. Disponível em: <http://ihp.org.br/26072015/lib_ihp/docs/jdc19960124.htm>. Acesso em: 26 jul. 2017.
- CUSATIS, José de. **Os italianos em Petrópolis**. Petrópolis: Câmara Municipal de Petrópolis, 1993.
- DANTAS, Gabriela Cabral da Silva. **Brincadeiras e brinquedos culturais**. Disponível em: <<http://brasilescola.uol.com.br/cultura/brincadeiras-brinquedos-culturais.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- DIAS, Paola Vanessa Gonçalves. **Do apagamento à fala pública: a memória negra em Petrópolis a partir da trajetória do quilombo da tapera**. 2016. 183 f. Dissertação [Mestrado em Memória Social] - Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- EMBAIXADA do Brasil em Tóquio. Disponível em: <<http://toquio.itamaraty.gov.br/pt-br/historias.xml>>. Acesso em: 03 nov. 2017.
- HAACK, Frederico. **A história da Rua do Imperador**. Disponível em: <<http://ahistoriadepetropolis.blogspot.com.br/2015/03/a-historia-da-rua-do-imperador.html>>. Acesso em: 07 nov. 2017.
- HAACK, Frederico. **A variante do Caminho Novo de Bernardo**. Disponível em: <<http://ahistoriadepetropolis.blogspot.com.br/2013/05/a-variante-do-caminho-novo-de-bernardo.html>>. Acesso em: 18 jul. 2017.
- HISTÓRIA de Petrópolis. Disponível em: <<https://guiadepetropolis.wordpress.com/historia-de-petropolis/pag02/>>. Acesso em: 19 jul. 2017.
- IMIGRAÇÃO alemã em Petrópolis: Memória da colonização. Disponível em: <http://imigrantesalemaesempetropolis.blogspot.com.br/2013_04_01_archive.html>. Acesso em: 10 ago. 2017.
- INSTITUTO HISTÓRICO DE PETRÓPOLIS. A Colônia de Petrópolis I. *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, 24 nov. 1993.
- INSTITUTO HISTÓRICO DE PETRÓPOLIS. A Colônia de Petrópolis II. *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, 25 nov. 1993.
- INSTITUTO HISTÓRICO DE PETRÓPOLIS. Contribuição francesa a Petrópolis. *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, 13 jan. 1994.
- INSTITUTO HISTÓRICO DE PETRÓPOLIS. Os ingleses e suíços em Petrópolis. *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, 20 jan. 1994.
- LACOMBE, Lourenço Luiz. **Biografia de um Palácio**. Petrópolis: Museu Imperial, 2007.
- LACOMBE, Lourenço Luiz. **Petrópolis vista pelos ingleses**. Petrópolis: Vozes, 1954.
- MACHADO, Antonio. **Açorianos em Petrópolis**. Disponível em: <http://www.ihp.org.br/26072015/lib_ihp/docs/am20030902.htm>. Acesso em: 10 ago. 2017.
- MAZZACARO, Natasha. **Pioneira no setor, indústria moveleira de Petrópolis investe em design**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/pioneira-no-setor-industria-moveleira-de-petropolis-investe-em-design-15577322>>. Acesso em: 03 out. 2017.

MESQUITA, Pedro Paulo Aiello. **A formação industrial de Petrópolis: trabalho, sociedade e cultura operária (1870-1937)**. 2012. 157 f. Dissertação (Mestrado em História, Cultura e Poder) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

MORGADO, H. J. Os ingleses em Petrópolis. *Diário de Petrópolis*, Petrópolis, 28 set. 1983.

NETTO, Jeronymo Ferreira Alves. **A revitalização da Praça da Inconfidência evoca a lembrança da primitiva capela de Nossa Senhora do Rosário**. Disponível em: <http://www.ihp.org.br/26072015/lib_ihp/docs/jfan20000908.htm>. Acesso em: 29 nov. 2017.

NETTO, Jeronymo Ferreira Alves. **Cento e cinquenta e cinco anos de colonização alemã em Petrópolis**. Disponível em: <<http://ihp.org.br/?p=939>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

NETTO, Jeronymo Ferreira Alves. **Curso de História de Petrópolis (1)**. Disponível em: <http://ihp.org.br/26072015/lib_ihp/docs/jfan20020110.htm>. Acesso em: 18 jul. 2017.

NETTO, Jeronymo Ferreira Alves. **Curso de História de Petrópolis (2)**. Disponível em: <http://www.ihp.org.br/26072015/lib_ihp/docs/jfan20060423b.htm>. Acesso em: 16 nov. 2017.

NETTO, Jeronymo Ferreira Alves. **Curso de História de Petrópolis (5)**. Disponível em: <http://www.ihp.org.br/26072015/lib_ihp/docs/jfan20060423b.htm>. Acesso em: 16 nov. 2017.

O 97º aniversário do Coral Concórdia. *Tribuna de Petrópolis*, Petrópolis, 31 ago. 1960.

OLIVEIRA, Paulo Roberto Martins de. **Antecedentes e a criação da Imperial Colônia Alemã**. Disponível em: <http://ihp.org.br/26072015/lib_ihp/docs/prmo19960720.htm>. Acesso em: 11 jul. 2017.

OLIVEIRA, Paulo Roberto Martins de. **Imperial Colônia Germânica de Petrópolis: Atividades sociais, artes, hábitos e costumes**. Disponível em: <http://www.ihp.org.br/26072015/lib_ihp/docs/prmo19970627.htm>. Acesso em: 09 out. 2017.

OLIVEIRA, Paulo Roberto Martins de. **Índice alfabético dos 361 nomes das 456 famílias de colonos germânicos que chegaram em Petrópolis, entre 29/06/1845 e 31/12/1846**. Disponível em: <<http://ihp.org.br/?p=930>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

OLIVEIRA, Paulo Roberto Martins de. **Os primeiros italianos em Petrópolis**. Disponível em: <http://ihp.org.br/26072015/lib_ihp/docs/prmo20040911.htm>. Acesso em: 04 out. 2017.

OLIVEIRA, Paulo Roberto Martins de. **Paulo Roberto Martins de Oliveira: depoimento [30 nov. 2017]**. Entrevistador: Regina H. de Castro Resende. Petrópolis: Museu Imperial, 2017. MPEG-4.

OLIVEIRA, Paulo Roberto Martins de. **Primórdios da Companhia Petropolitana no Quarteirão Westfália**. Disponível em: <http://ihp.org.br/26072015/lib_ihp/docs/prmo20020909.htm>. Acesso em: 22 nov. 2017.

OLIVEIRA, Paulo Roberto Martins de. **Quatro etnias na fundação de Petrópolis: africanos, alemães, franceses e portugueses**. Disponível em: <http://ihp.org.br/26072015/lib_ihp/docs/prmo20010316.htm>. Acesso em: 21 set. 2017.

PETRÓPOLIS (RJ). Comissão do Centenário. **Centenário de Petrópolis**. Petrópolis: Directoria de Educação e Cultura/PMP, 1940. v. 3.

RABAÇO, Henrique José. **História de Petrópolis**. Petrópolis: Instituto Histórico de Petrópolis, 1985.

REALE, Miguel. **A imigração e a cultura brasileira**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/artigos/imigracao-e-cultura-brasileira>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

SALGADO, Maria Luíza. **As raízes de Petrópolis**. Disponível em: <<http://www.isca.org.br/historia.asp>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

SANTOS, Edson Cordeiro dos; SOUZA, Andréa de Oliveira Salustriano de; SILVA, Flavio Médiçi da (Org.). **Revivendo as brincadeiras de criança**. Disponível em: <<http://www.sfb.org.br/site2015/br/wp-content/uploads/2010/06/Cartilhas-das-Brincadeiras-BD.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

SANTOS, Paulo César dos. **Petrópolis: História de uma Cidade Imperial**. Petrópolis: Sermograf, 2001.

SCHAETTE, Estanislau. Os primeiros sesmeiros estabelecidos no território petropolitano. In: **TRABALHOS da Comissão do Centenário de Petrópolis: Directoria de Educação e Cultura/PMP, 1942. v. 3.**

SILVA, Eduardo. **As camélias do Leblon e a Abolição da Escravatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Yedda Maria Xavier da. Imigração Sírio-Libanesa. *Revista do Instituto Histórico de Petrópolis*, Petrópolis, v. 6, 1989.

SILVEIRA FILHO, Oazinguito Ferreira da. **Escravidão e abolição em Petrópolis**. Disponível em: <http://ihp.org.br/26072015/lib_ihp/docs/ofsf20111203a.htm>. Acesso em: 25 out. 2017.

TAULOIS, Antonio Eugênio de Azevedo. **Os franceses na origem de Petrópolis**. Disponível em: <http://ihp.org.br/26072015/lib_ihp/docs/aeat20070318.htm>. Acesso em: 10 out. 2017.



Respostas dos passatempos

Caça-palavras

E O V O G E L Z S T Q K A M Y
 D F S B K P B O I J S L B P T
 Y M O N K E N O U B U I U Z O
 C N Q U W Z Z S L N Y N O Y P
 S C H A E F E R G M G G U I R
 L I C Q C R H A G X Y Y A H M
 T M N P E C K A R D T L O S U
 R C X W S B A C O J Y A J B E
 I G R O S S U R H O U N U Y L
 U I C E S E X A T E T S S Z L
 E C H T E R N A C H T P T O E
 A E S C H E P T X I T Q E E R
 V Z X I U R F H L P T A N Y N
 M T T S A T T L E R E G P A R
 U D E E N S A B W E B E R R

Jogo dos 7 erros



Identifique as profissões

São profissionais que desenham, cortam e costuram roupas sob medida.



Alfaiate

Este profissional escavava e removía pedras em minas e na construção de estradas.



Cavouqueiro

Profissional que moldava a madeira para construções.



Falquejador

Pessoa que criava e consertava objetos de ferro ou aço, como os destinados aos trabalhos agrícolas e as ferraduras para cavalos.



Ferreiro

Confeccionavam objetos de couro e, principalmente, selas para cavalaria



Correeiro

Origami



Bandeiras dos países dos imigrantes

Alemanha		Itália	
Portugal		Libano	
Cuba		França	
Angola		Japão	
Inglaterra		Suíça	

Bem-vindo na língua dos diversos imigrantes

Willkommen!	Alemanha (alemão)
Benevenue!	França (francês)
Bem-vindo!	Angola (português)
Bem-vindo!	Portugal (português)
Ahlan Wa Sahlan!	Libano (árabe)
Bienvenido!	Cuba (espanhol)
Benevenuti!	Itália (italiano)
Willkommen!	Suíça *
Yokoso!	Japão (japonês)
Welcome!	Inglaterra (inglês)

[*] A Suíça possui 4 línguas oficiais: alemão (maior parte da população), francês, italiano e romanche.





Museu Imperial

SETOR DE EDUCAÇÃO

Rua da Imperatriz, 220 - Centro - Petrópolis / RJ

CEP: 25610-320 - Telefone: 24-2233-0329

www.museuimperial.gov.br - e-mail: mimp.educacao@museus.gov.br

